

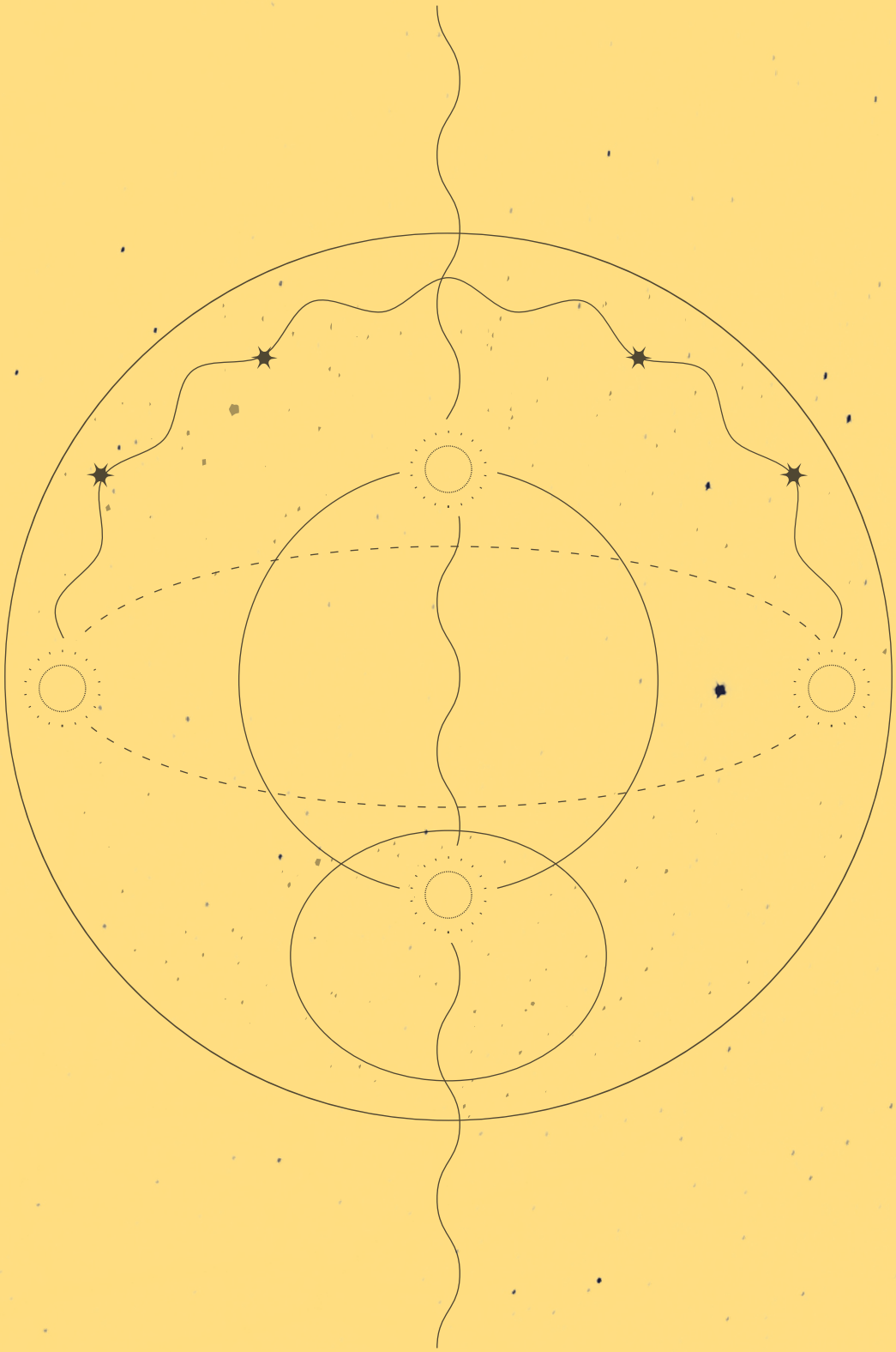
As Estrelas das Chuvas

O rio do mundo, o horizonte e o caminho do sol:

astronomia ao longo do Rio Urucauá, Amapá, Brasil

David Green & Lesley Green

IPHAN





As Estrelas das Chuvas

O rio do mundo, o horizonte e o caminho do sol:

astronomia ao longo do Rio Urucauá, Amapá, Brasil

David Green & Lesley Green

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Leandro Antonio Grass Peixoto

Diretoria do Iphan
Adriana Fátima Bortoli Araújo
Andrey Rosenthal Schlee
Cejane Pacini Leal Muniz
Daniel Borges Sombra
Deyvesson Israel Alves Gusmão

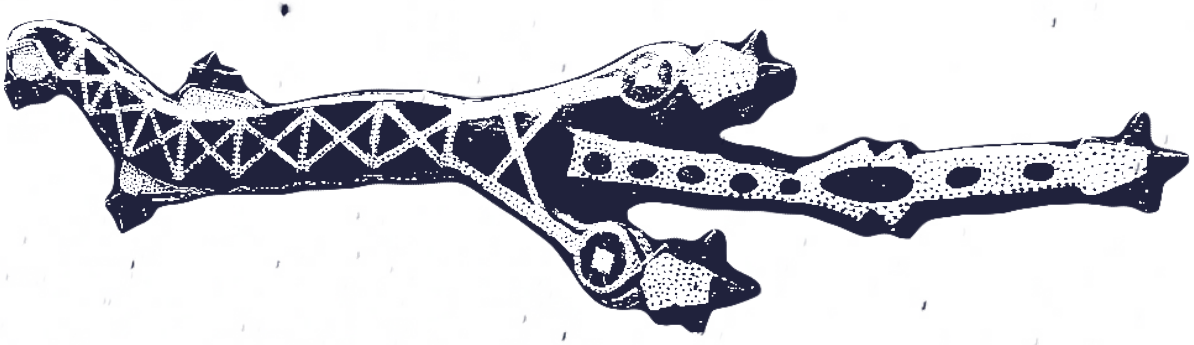
Departamento de Patrimônio Imaterial
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Superintendência do Iphan no Amapá
Michel Bueno Flores da Silva

Departamento de Articulação, Fomento e Educação
Cejane Pacini Leal Muniz

Divisão de Editoração e Publicações do Patrimônio
Luciana Jobim Navarro

Serviço de Produção Editorial
rnld Nogueira



As Estrelas das Chuvas

O rio do mundo, o horizonte e o caminho do sol:

astronomia ao longo do Rio Urucauá, Amapá, Brasil

David Green & Lesley Green

tradução de Luísa Valentini

Macapá - Iphan - 2026

As Estrelas das Chuvas
o rio do mundo, o horizonte e o caminho do sol: astronomia ao longo do Rio Urucauá, Amapá, Brasil

Autoria
David Green
Lesley Green

Tradução
Luísa Valentini

Fotografias
David Green

Ilustrações
David Green

Revisão de texto
Aldiere Orlando

Revisão de provas
Tiknet Edição Ltda.

Direção de arte
rnld Nogueira

Projeto gráfico e diagramação
Igor Antunes Bessa

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
dpi@iphan.gov.br

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

G795e

Green, David.
As estrelas das chuvas : o rio do mundo, o horizonte e o caminho do sol : astronomia ao longo do Rio Urucauá, Amapá, Brasil / David Green e Lesley Green ; tradução : Luísa Valentini. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Macapá : Iphan, 2026.
101 p.

Modo de acesso: www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-85-7334-627-5

1. Patrimônio cultural. 2. Povos indígenas. 3. Astronomia. I. Green, Lesley. II. Valentini, Luísa. III. Título.

CDD 363.69

Elaborado por Odilé Viana de Souza – CRB-1/2120



Senhor Uwet Manuel Antônio dos Santos com sua escultura, o navio de Kusuvwi. Foto: David Green

“ A linguagem respeitosa dos mais velhos e a linguagem cerimonial dos pajés não são mais usadas hoje. Segundo os idosos, o tempo em que eram faladas era uma época de lindas palavras, quando as inter-relações entre pessoas, formas da paisagem, ondas, estrelas, animais e criaturas espirituais adquiriam realidade.”

Em homenagem ao Uwet Manuel Antônio dos Santos. 2018 †



Sumário

Introdução 10

O ciclo anual das estrelas e suas estórias

A primeira chuva: Kayeb, a Cobra Grande de Duas Cabeças (dezembro-janeiro) 20

A segunda chuva: Tavara, o Martim-Pescador (fevereiro) 32

A Terceira Chuva: Uwakti (março-abril) 41

A Quarta Chuva: Kusuvwi (abril-junho) 47

A Quinta Chuva: Wayam, o Jabuti e o início da estação seca (julho-agosto) 74

referências bibliográficas 97

Introdução

Lux Boelitz Vidal (USP/Iepé)

Este livro é uma tradução do artigo "The Rain Stars, the World's River, the Horizon and the Sun's Path: Astronomy along the Rio Urukauá, Amapá, Brazil"[1], de autoria de Lesley Green e David Green[2]. Nos últimos anos, os povos indígenas do Oiapoque[3] têm se mobilizado em torno de várias ações de valorização de seu patrimônio cultural, tanto internamente em suas comunidades, quanto voltadas à difusão externa, em publicações, exposições e participações em eventos culturais. Este livro, traduzido do inglês por Luísa Valentini[4] e ilustrado com belas fotografias das esculturas do mestre Uwet, representando as diferentes constelações das chuvas, é mais uma contribuição para a divulgação dos conhecimentos e práticas indígenas e como material didático direcionado aos estudantes indígenas em suas comunidades. As narrativas apresentadas neste livro, baseadas em pesquisas realizadas entre 2000 e 2008 em aldeias dos Palikur-Arukwayene,[5] ao longo do rio Urucauá, são sobre o seu saber astronômico, uma notável e recente contribuição à astronomia ameríndia.

1 Publicado na *Revista Tipiti*: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America, vol. 08, issue 2. 2010, article 3.

2 David Green, que fala fluentemente a língua dos Arukwayene, é documentarista e fotógrafo e há muitos anos realiza juntamente com Lesley, antropóloga e professora da Universidade de Cape Town, na África do Sul, pesquisas entre os Arukwayene do Brasil.

3 Os povos indígenas do Oiapoque são os Palikur-Arukwayene, os Karipuna, os Galibi-Marworno e os Galibi Kali'na. Habitam no norte do Estado do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa, nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã.

4 Luísa Valentini é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, editora e tradutora.

5 O povo indígena do rio Urucauá era anteriormente conhecido como "Palikur". Em dezembro de 2025, as comunidades Arukwayene retomaram o seu etnónimo, "Arukwayene", visto que o nome "Palikur" é uma designação e desentendimento colonial. "Arukwayene" quer dizer "o povo do Rio Urucauá," e também "o povo da cobra grande, *Arukwa*, que formou o Rio Urucauá." Porém, a língua dos Arukwayene, *parikwaki*, continua a ser traduzida pelo termo "palikur", visto que é conhecida pelos linguistas de todo o mundo por este nome há séculos.

O livro abre com um panorama de princípios astronômicos dos Arukwayene e em seguida apresenta uma seleção de narrativas organizadas segundo um ciclo astronômico anual. "As constelações principais formam um ciclo sazonal que constitui a espinha dorsal do saber ecossistêmico dos Arukwayene, que inclui um panorama das atividades da agricultura, da caça, da pesca e da construção, assim como em tempos passados, do calendário das festas sazonais."

As histórias aqui contadas são cheias de vida, de aventuras, de conflitos e emoções e indicam a centralidade da astronomia na vida dos Arukwayene. Conhecer as constelações não é apenas conhecer sua forma, mas conhecer as diferentes qualidades de seu movimento em diferentes períodos do ano. "Segundo os autores, "esta pesquisa leva a criticar o pressuposto de que a natureza dada a conhecer pela ciência seja a 'Natureza' definitiva".

Ao longo do trabalho, ampliando o alcance desta pesquisa, os autores procuram localizar referências em trabalhos já publicados no campo da antropologia astronômica e constatam que "o material levantado é tão similar a materiais registrados em todo o continente que ele evidentemente não pode ser reduzido a uma 'astronomia cultural dos Arukwayene' no singular." Ao mesmo tempo, ponderam que "dadas suas conexões parciais com a astronomia euroamericana, é difícil defender o argumento de que o material astronômico dos Arukwayene seja inteiramente Outro com relação ao do ocidente. E, no entanto, ele tampouco lhe é semelhante. Se a astronomia aqui discutida não pode ser apresentada nem como radicalmente outra, nem como essencialmente semelhante, o desafio resulta em procurar deslindar possibilidades alternativas de montagem e tradução".

Dizem os Arukwayene que "a linguagem respeitosa dos mais velhos e a linguagem cerimonial dos pajés não são mais usadas hoje. Segundo os idosos, o tempo em que eram faladas era uma época de lindas palavras, quando as inter-relações entre pessoas, formas da paisagem, ondas, estrelas, animais e criaturas espirituais adquiriam realidade".

Esses são pontos centrais que se desprendem das narrativas sobre as constelações das chuvas e que respondem às indagações da antropologia contemporânea sobre os conhecimentos indígenas e suas maneiras de expressá-los. ✦

As estrelas das chuvas, o rio do mundo, o horizonte, e o caminho do sol: astronomia ao longo do Rio Urucauá Amapá, Brasil

✦ Lesley Green e David Green ✦

Uma rica literatura sobre a astronomia ameríndia fundamentou os quatro volumes das *Mitológicas* de Claude Lévi-Strauss. Não surpreende que a astronomia ocupe um lugar central na pesquisa etnográfica realizada tanto nas terras altas quanto nas terras baixas sulamericanas nos anos 1970 e 1980.[6] O que é surpreendente, dada sua centralidade no conhecimento ameríndio, é que a pesquisa astronômica tenha minguado na etnologia das terras baixas sulamericanas nos anos 1990. Isso se deve, ao menos em parte, à urgência das antropologias ativistas e defensoras de direitos, e a um concomitante deslocamento do eixo da crença e do simbolismo para os da economia política e do direito fundiário, e para o interesse na política da representação. A ascensão da economia política na antropologia euro-americana, em particular, tinha muito que ver com uma resistência à outrização (*othering*) inevitavelmente associada à antropologia culturalista[7]. No entanto, seu substituto – uma estratégia política de assimilação (*saming*) em grande parte da antropologia dos anos 1990 e 2000, inspirada pelo dito "tornar o estranho familiar, e o familiar, estranho" – tem sido criticada por muitos antropólogos brasileiros, talvez de modo mais eloquente por Carlos

6 Incluindo os trabalhos de Christine Hugh-Jones (1979); Stephen Hugh-Jones (1982); Gerardo Reichel-Dolmatoff (1971, 1997); Marc de Civrieux (1980 [1970]); Jean-Paul Dumont (1972); Gary Urton (1981); Anthony Aveni and Gary Urton (orgs., 1982); Stephen Michael Fabian (1992); Fernando Santos-Granero (1992); Edmundo Magaña (1986; 2005 [1996]); Fabiola Jara (2005 [1996]); Philippe Descola (1996 [1986]); Peter Roe (2005 [1996]); Browman & Schwarz (orgs., 1979). Lawrence Sullivan (1988) oferece um panorama intrigante (embora às vezes desconcertante) das relações xamânicas dos ameríndios com as estrelas.

7 Isto se deu especialmente na antropologia sul-africana, onde uma posição política progressista assumiu protagonismo no questionamento do uso da ideia de cultura por ideólogos do apartheid (ver Sharp and Boonzaier 1988). As disputas em torno dos modos pelos quais a cultura figura na antropologia ativista na África do Sul contemporânea (ver Green 2009), e uma pesquisa comparativa sobre a antropologia ativista brasileira, oferecem a base para uma discussão produtiva entre antropólogos que trabalham no Sul global.

Fausto e Michael Heckenberger (2007:7): "o risco de se tomar literalmente a máxima "nada de humano é estranho a mim" é transformar nosso senso comum naquilo que compartilhamos com (quaisquer) outros."[8]

A presente pesquisa, realizada entre 2000 e 2008 em aldeias dos Arukwayene ao longo do rio Urucauá na Terra Indígena do Uaçá, no estado do Amapá, nos leva a criticar o pressuposto de que a natureza dada a conhecer pela ciência seja a "Natureza" definitiva.[9] Inspirada no debate em torno de modernidade, colonialidade e decolonialidade desenvolvido, entre outros, por Walter Mignolo (1995) e Arturo Escobar (2008), e em diálogo com trabalhos que tratam de múltiplas naturezas, ontologias políticas e cosmopolíticas[10], sugerimos neste artigo que foi um equívoco deixar em segundo plano as questões astronômicas na etnografia dos povos ameríndios nos últimos vinte anos. De nosso ponto de vista, o saber astronômico é central ao patrimônio intelectual ameríndio, ponto de vista que compartilhamos com Lux Vidal – com cuja exposição sobre as cosmologias ameríndias no Uaçá, intitulada *A presença do invisível* e inaugurada no Museu do Índio em 2007 (Vidal 2008), tivemos o privilégio de colaborar (Vidal 2007).[11]

Contudo, relutamos neste trabalho em adotar as convenções de descrição da etnoastronomia na linguagem de culturas delimitadas (ver Chamberlain et al 2005). Além dos problemas que acompanham a ideia de uma cultura delimitada, o material que apresentamos é tão similar a materiais registrados em todo o continente que ele evidentemente não pode ser reduzido a uma "astronomia

8 Texto original em inglês, traduzido aqui.

9 Após vários anos de trabalho sobre textos astronômicos, este projeto agora assume uma perspectiva que contrasta de modo significativo com aquela traduzida num artigo anterior de Lesley Green (2008) sobre a astronomia Arukwayene, que tomava como único ponto de referência a natureza do ponto de vista da ciência. Ali, como teste para uma epistemologia defensável, buscou-se repensar a linha entre crença e conhecimento por meio do conceito de "eficácia cognitiva" dos filósofos pragmatistas. Contudo, o material apresentado neste artigo demonstra que a relação xamânica com as estrelas *não é* uma relação causal na qual o pajé chama as estrelas: aquela asserção fundava-se num equívoco de uma tradução inicial. O trabalho de 2008 reflete o mundo do tradutor, que é o da economia da linguagem, onde se assume que entender a causa é ser capaz de usá-la de modo preditivo. Tal abordagem do conhecimento tem pouco em comum com as astronomias aqui apresentadas, que não dizem respeito à capacidade de usar as forças da natureza para propósitos pessoais. O mais interessante, aqui, são os modos pelos quais o conhecimento fomenta a vitalidade e a relacionalidade ética. Em suma, embora o artigo de 2008 estivesse correto em identificar conexões parciais entre as ciências da astronomia e os modos de conhecer o céu no Arukwa, ele não contempla os modos pelos quais as "coisas" sob comparação excedem as possibilidades de tradução para a linguagem da informação (cf. Latour 2010).

10 Stengers 2004; Latour 2004, 2007; Blaser 2009, 2010; De la Cadena 2010; Viveiros de Castro 1998, 2003, 2004a, 2004b; Santos-Granero 1992, 2009.

11 Ver o catálogo da exposição editado pelo Museu do Índio e pelo Iepé em 2016, organizado por Lux Vidal, José Carlos Levinho e Luís Donisete Benzi Grupioni.

cultural dos Arukwayene" no singular. Ao mesmo tempo, dado o alcance de suas conexões parciais com ideias da astronomia euro-americana, é difícil defender o argumento de que o material astronômico aqui apresentado seja inteiramente Outro com relação ao "do Ocidente". E, no entanto, ele tampouco é semelhante, na medida em que ultrapassa as possibilidades de tradução para o aparato conceitual de saberes disciplinares formalizados. Se a astronomia aqui discutida não pode ser apresentada, nem como radicalmente outra, nem como essencialmente semelhante, o desafio resulta em procurar deslindar possibilidades alternativas de montagem e tradução. Nessa medida, trata-se aqui de exercitar uma antropologia do saber e do conhecimento, de sua preservação, tradução e remontagem.

Apresentamos, neste ensaio, trechos editados de diversas entrevistas gravadas em vídeo por David Green em aldeias ao longo do rio Urucauá, entre os anos de 2000 e 2008, com assistência de Lesley Green em 2000-2003. As gravações foram traduzidas por David Green no contexto de um projeto que durou quatro anos, durante os quais ele checou as primeiras traduções no Urucauá em 2008 e gravou narrativas adicionais. Para localizarmos as estrelas sobre as quais os Arukwayene contam suas histórias, foram usados um sinalizador a laser, cartas celestes em softwares astronômicos (Red Shift e Stellarium) e um atlas fotográfico das estrelas feito por Harry John Philip Arnold, Paul Doherty e Patrick Moore.

Abrimos o argumento com um panorama dos princípios astronômicos evidenciados nas narrativas. Depois disso, apresentamos uma seleção das muitas narrativas que gravamos, organizadas segundo o ciclo astronômico anual, e ilustradas com cartas celestes e esculturas em madeira das constelações, que encomendamos em 2005 após percebermos ser essa, e não o desenho, a prática representacional dominante na região.[12] Ao longo do ensaio procuramos localizar referências em trabalhos já publicados no campo da antropologia astronômica, e observar as sinergias entre nossos achados e os de Gary Urton nos Andes (Urton 1981).

12 Para ver algumas das imagens feitas por David Green nessa viagem de pesquisa de 2005, incluindo uma fotografia da escultura de Kayeb feita pelo senhor Uwet, e nossa primeira tentativa de apresentar a constelação de Kayeb como um diagrama de adesivos, ver *Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver* (Vidal 2007).

As estrelas das chuvas: um panorama dos princípios da astronomia local

O primeiro princípio da astronomia no rio Urucauá é o de haver *cinco chuvas diferentes durante a estação das chuvas. Cada uma dessas chuvas está identificada a uma constelação que aparece ao amanhecer, no início dessa estação*. O horizonte, portanto, oferece um ponto de referência fundamental.[13] O segundo princípio é o de que *as constelações principais formam um ciclo sazonal que constitui a espinha dorsal do saber ecossistêmico, de muitas narrativas, dos panoramas de atividades da agricultura, da caça, da pesca e da construção, assim como, em tempos passados, do calendário de festas sazonais*.

Começando no fim de dezembro, a chegada das primeiras chuvas coincide com o solstício e com o nascimento de Kayeb, a Cobra Grande de Duas Cabeças situada na região de Escorpião.[14] Em fevereiro, começam as chuvas de Tavara, o Martim-Pescador (Aquila ou a Águia), seguidas pelas chuvas de Uwakti, o Homem na Casa (Pégaso), em março. Durante abril e maio, as chuvas torrenciais de Kusuvwi, o Irmão Mais Velho, e Kusuvwi, o Irmão Mais Novo (as Plêiades) inundam as savanas e dão início à estação de pesca em meio a uma batalha titânica com Awahwi, a Cobra Grande de Três Cabeças situada em Perseu. Seguem-se a elas as chuvas mais suaves de Wayam, o Jabuti, em julho e agosto. A estação seca começa nesse período e segue até dezembro.

O nascimento heliacal, o movimento das estrelas que precedem o sol no céu da manhã, e que prosseguem em seu movimento durante o dia, é o terceiro princípio da astronomia do Urucauá. Este princípio é comum na astronomia ameríndia, e foi notado por outros pesquisadores. O que percebemos foi que o caminho do sol serve de guia para localizar as principais constelações sazonais ao longo do dia, permitindo rastrear o caminho das estrelas que nasceram logo antes do amanhecer. Assim, como suspeitou o pesquisador Edmundo Magaña, o caminho do sol fornece um aspecto do que se poderia chamar uma retícula celeste (2005 [1996]: 256) cujos referentes espaciais são o horizonte e a passagem zenital do sol.[15]

---

13 Em consonância com os estudos de Edmundo Magaña sobre a astronomia dos Carib (2005 [1996]: 257).

14 N. T. Quando aqui se disser "nascimento", referimo-nos ao aparecimento das constelações no horizonte (o que os astrônomos chamam de nascimento heliacal), e não ao surgimento desses seres no mundo em geral.

15 Kayeb e Kusuvwi são as constelações mais precisas no que diz respeito ao nascimento heliacal. A identificação de Wayam feita pelo senhor Uwet é a menos precisa (ver a seção sobre Wayam mais adiante neste artigo), pois Wayam nasce mais longe em direção ao sul. Contudo, se as estrelas Sirius e Canopus são vistas como palmeiras de tucumã (Waratwi) a seu lado, então Wayam estaria muito mais próximo de um nascimento heliacal, e Wayam se levantaria no fim de julho, como diz a tradição oral.

O quarto princípio é o de que *os solstícios de dezembro e de junho fornecem momentos chave no ciclo astronômico anual.* Estes constam, respectivamente, das narrativas da anaconda Kayeb (situada na região de Escorpião) e dos dois irmãos Kusuvwi (na região de Perseu, das Plêiades e de Órion).[16] O solstício de dezembro traz as primeiras chuvas e a subida do nível das águas na várzea. O solstício de junho marca o período de demarcação e abertura dos novos roçados.

O quinto princípio é o de que *conhecer as constelações não é apenas conhecer sua forma (ou quais os pontos a ligar) mas conhecer as diferentes qualidades de seu movimento em diferentes períodos do ano.* Os deslocamentos do arco feito pelas estrelas ao longo do ano são semelhantes aos do arco do sol. As estrelas mais próximas aos polos parecem se mover mais lentamente que as estrelas no centro do céu e, conforme a terra se desloca em torno do sol a cada ano, gira a nossa janela sobre o braço de nossa galáxia, que conhecemos como Via Láctea, de modo que algumas vezes ela fica a pino e, outras vezes, surge mais baixa sobre o horizonte.

As narrativas sobre o céu e sobre o Mundo do Fundo demonstram certo entendimento do funcionamento do cosmos, e podem ser vistas como mais que camadas de um Mundo do Fundo recoberto por este mundo e por três mundos superiores.[17] Em vez disso, *o movimento das estrelas é entendido como uma viagem que se dá em torno deste mundo, passando pelo Mundo do Fundo, para ressurgir no céu da manhã*. O arcabouço imaginário subjacente não é composto de dois planos bidimensionais chapados e desconectados (com uma topografia recoberta por uma astronomia, por exemplo), tratando-se, na verdade, de um modelo tridimensional cujos níveis são conectados por uma série de diferentes canais e portais. Em sua viagem, o sol e as estrelas atravessam o Mundo do Fundo, contornando este mundo de leste ao zênite, e então ao oeste e ao nadir, antes de reaparecerem a leste.[18]

---

16 A associação de uma Cobra Grande a Escorpião é icônica nas astronomias ameríndias (ver, por exemplo, Jara 2005 [1996]: 271; Lévi-Strauss 1969, 1973; C. Hugh-Jones 1979; S. Hugh-Jones, 1979, 1982; Magaña 1986, 2005, entre muitos outros).

17 O Mundo do Fundo é visto como um submundo onde não existe doença ou morte. A água é o elemento natural mais comum de condução entre os mundos, mas Waympi é mais do que um mundo subaquático; trata-se de outra dimensão de existência, que fica abaixo da nossa mas é similar ao nosso mundo, com rios, oceanos, florestas, animais, aves, pessoas, montanhas e atmosfera. Existem múltiplos pontos de contato ou conexões entre mundos: portais subaquáticos, portais subterrâneos, portais no horizonte, e portais na trilha elíptica do sol e do rio celestial (a Via Láctea).

18 Ver o diagrama de Roe (2005 [1996]: 197) do caminho do sol em diferentes lugares do mundo.

Observamos ainda um sétimo princípio: o de que *a lógica de localização das estrelas ao longo do ano deriva do caminho da Via Láctea, bem conhecida na astronomia ameríndia como o rio celestial, na sua relação com o caminho do sol no céu*. Sugerimos que a importância dos solstícios não diz respeito simplesmente ao fato de o caminho do sol mudar de direção, mas também ao fato de nessas duas datas o caminho do sol atravessar o rio celestial.

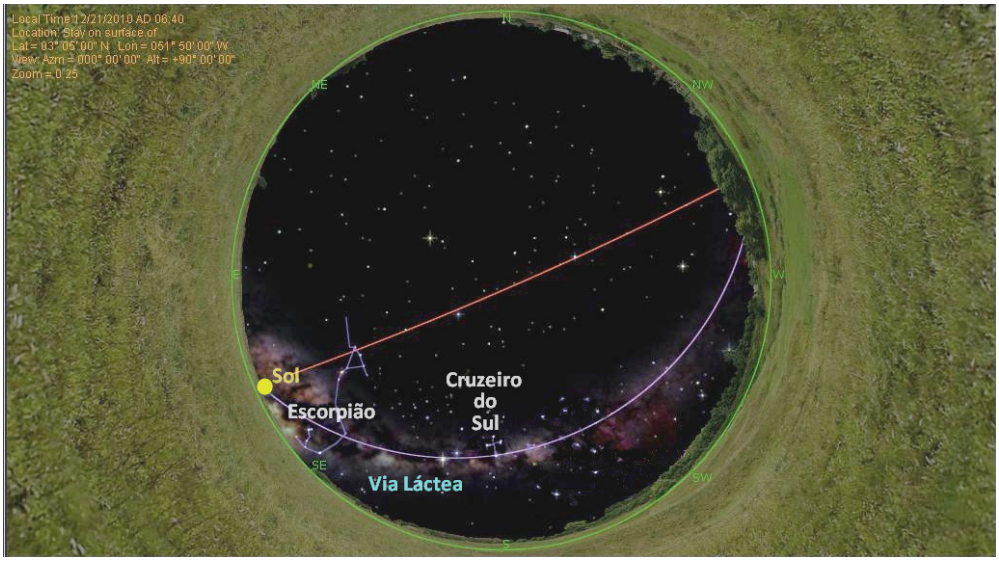


Figura 1. O sol ao amanhecer no solstício de dezembro, mostrando a Via Láctea (o plano galáctico) em intersecção com o caminho do sol (Imagem: RedShift 7).

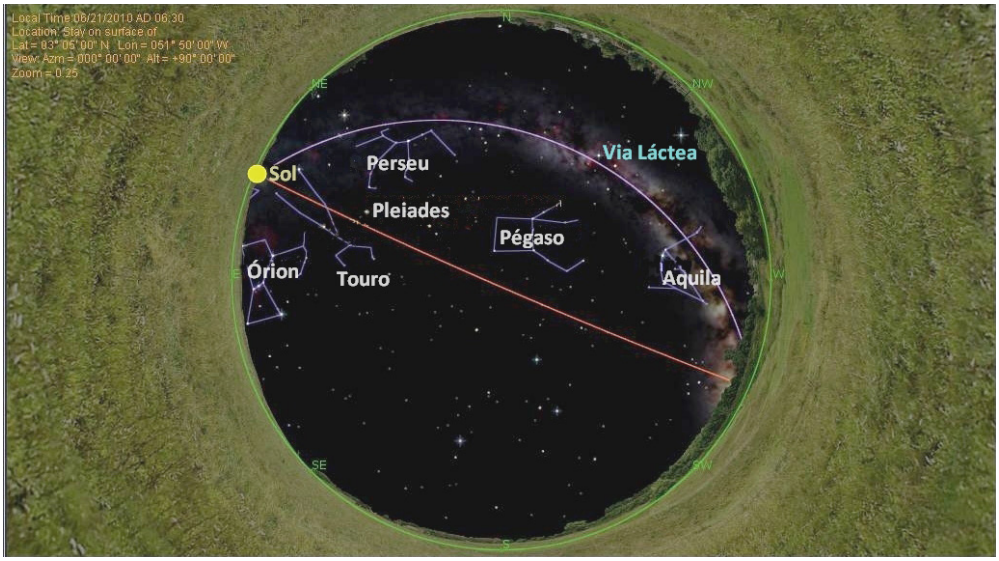
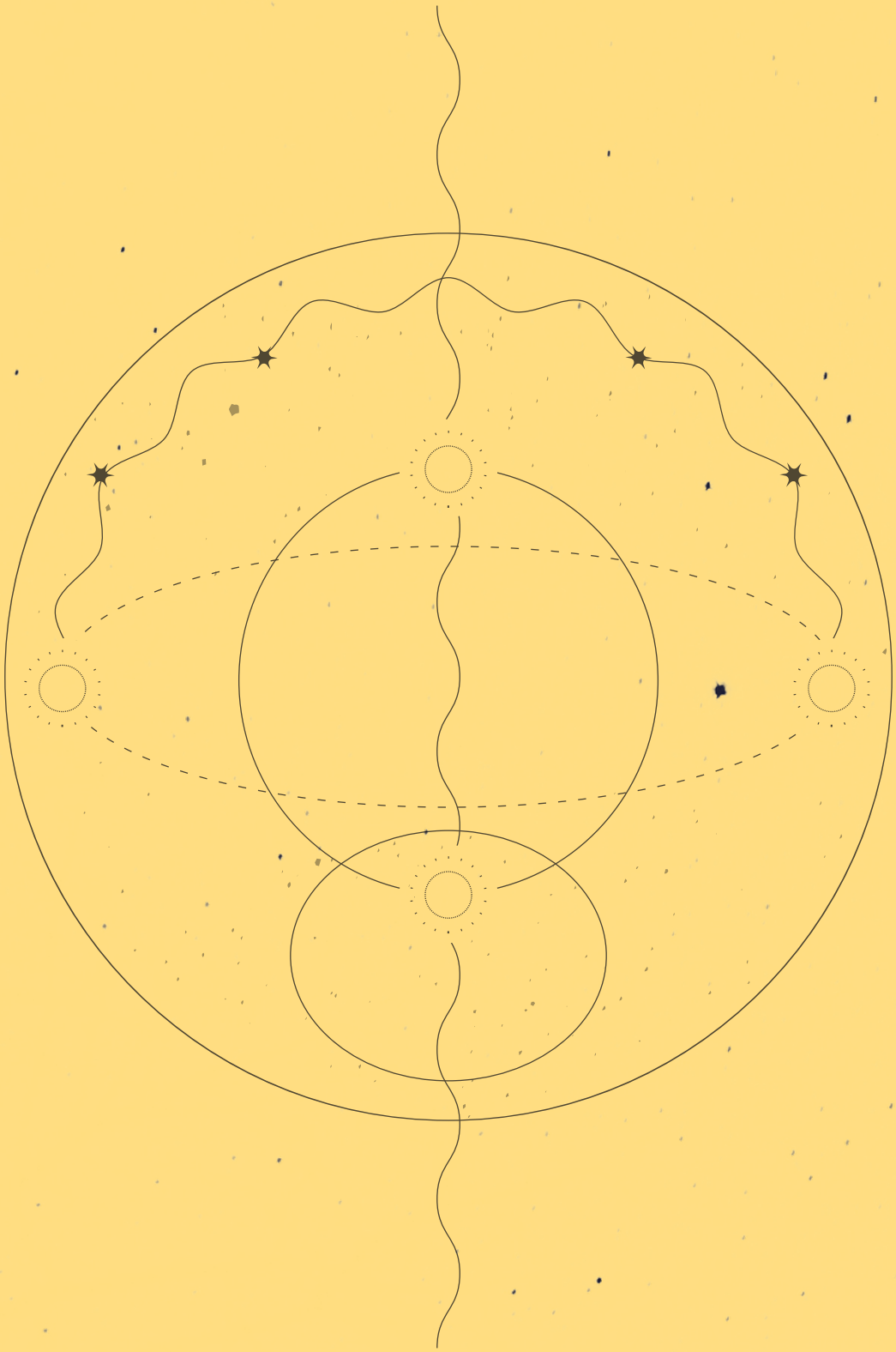


Figura 2. O sol ao amanhecer no solstício de dezembro, mostrando a Via Láctea (o plano galáctico) em intersecção com o caminho do sol (Imagem: RedShift 7).



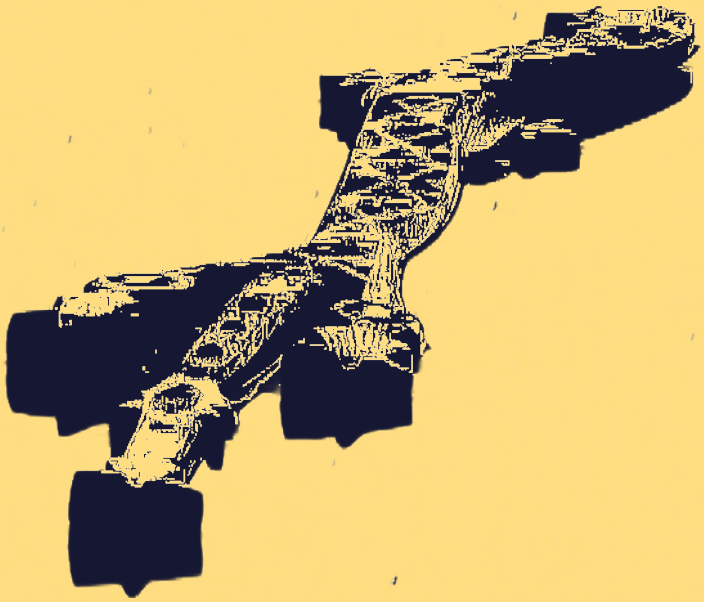


Figura 3. A escultura de Kayeb, a constelação da primeira chuva.

O ciclo anual das estrelas e suas estórias

A primeira chuva: Kayeb, a Cobra Grande de Duas Cabeças (dezembro-janeiro)

Kayeb é uma anaconda, a Cobra Grande De Duas Cabeças cujo corpo abrange as estrelas consteladas alhures como Escorpião, o Cruzeiro do Sul e suas Guardas e a matéria escura da Via Láctea. Em agosto, durante a estação seca, a mão de Kayeb – o Cruzeiro do Sul – toca o chão ao anoitecer e vai até o mundo subterrâneo buscar Wayam, o Jabuti, que traz consigo as chuvas de agosto.



Figura 4. Kayeb: a constelação da Cobra Grande de Duas Cabeças. Desenho: David Green [em Stellarium]

Gradualmente, no curso desse ano, o corpo inteiro de Kayeb desaparece após o pôr-do-sol, e deixa de estar visível por várias semanas. O reaparecimento de Kayeb no céu do amanhecer marca o solstício de dezembro e o início das chuvas de Kayeb.[19] A estação de Kayeb termina em fevereiro, com o nascimento da constelação Tavara, o Martim-Pescador (Aquila), que além de ser um pássaro é também uma Cobra Grande.

19 Os desenhos das constelações palikur foram incluídos para ajudar o leitor a localizá-las no céu e são baseados nas identificações das estrelas pelos anciões palikur. Desenhados em Stellarium.



Figura 5. Senhor Emiliano Iaparrá Wadahyene
Foto: David Green

Na narrativa apresentada a seguir, registrada em julho de 2008, um dos líderes da aldeia Kumenê, o senhor Emiliano Iaparrá, explica a David o movimento de Kayeb.

David Green: Pariye Kayeb?
Ba ig datka?[20]

David Green: Kayeb é o quê?
Uma Cobra Grande?

Emiliano Iaparrá: Aa! Nuvewkan Kayeb datka.

Emiliano Iaparrá: Ah, eu acho que Kayeb é uma Cobra Grande.

Madikte neras nutuhbe ku pariye ugeswiye aytniye han. Ku pariye wayk. Nuvewkan neras, Uwakti, Tavara, madikte datkari.

Todos esses, acho, que dão a volta para chegar aqui. Que chovem. Acho que esses, Uwakti, Tavara, todos eles são Cobras Grandes.

20 Em palikur, a palavra *datka* significa 'anaconda' ou 'sucurijú' *(Eunectes murinus)*. Neste ensaio, o termo Cobra Grande refere á seres espirituais.

Kusuvwi datka. Uwakti datka. Kayeb datka. Tavara datka. Neras madikte!	Kusuvwi é Cobra Grande, Uwakti é Cobra Grande, Kayeb é Cobra Grande. Tavara é Cobra Grande. Todos eles!
Awaku igkis un anag.	Porque eles são as fontes da água.[21]
Nuvewkan Uhokri keh igkis hene.	Eu acho que Uhokri fez eles assim.[22]
Heneme kameki madikte neras awaykemni amadga hawkri hiyak, ke un ganag, neras: Tavara, Kayeb, Uwakti. Kawa!	Mas nem todos os homens do mundo sabem isso, quer dizer, que eles são a fonte da água, esses aí: Tavara, Kayeb, Uwakti. Não!
Awaku nah aya ka aynsima neras ku pariye lekolya amin hawkri. Igkis awna igkis ka hiyak.	Porque eu perguntei muitas vezes, pra esses que estudam o mundo.[23] Eles dizem que não sabem.
Ininewa. Nerasnewa ku pariye kanivwiye akak warukma. Igkis ikaw ku hiyak. Heneme igkis kawnata ka hiyak ba Kayeb. Ba igkis hiya ba datkama? Igkis ka hiyak.	É isso. Eles mesmos que trabalham com as estrelas. Eles dizem que sabem.[24] Mas eles também não sabem se é Kayeb. Não sabem se estão vendo uma Cobra Grande ou não. Eles não sabem.



Figura 6.
Coroa emplumada

Assim como as outras estrelas das chuvas, Kayeb é uma anaconda e um pajé, e pode assumir muitas formas. Emiliano nota que o nome de Kayeb vem da palavra *kayewbet*, que quer dizer enrolado, curvado ou retorcido.[25]

Atravessando o rio Urucauá, na ilha de Mawihgi, o senhor Uwet Manuel Antônio dos Santos explicou que Kayeb veste um cocar específico, um *yuwti kamewnene*, que é uma coroa circular feita de penugem do peito, e não um *yuwti*

21 Isto é, são espíritos-mestres que dominam as nascentes e as fontes da água.

22 Antigamente Uhokri era visto como o ser que criou o mundo. O Curt Nimuendajú, em 1926, afirma que o termo para Deus era *ohogri*. Hoje em dia, a maioria dos Arukwayene são adeptos da religião pentecostal e Uhokri é visto como o Deus descrito na Bíblia.

23 O senhor Emiliano provavelmente se refere aqui às pessoas que estudam o mundo natural desde uma perspectiva científica: estudantes, professores, cientistas ou astrônomos.

24 Ou então: "eles parecem saber do que estão falando".

25 Do diário de David, julho de 2008. Essa associação também foi notada por Fabiola Jara em pesquisa sobre a astronomia Arawak (Jara 2005[1996]:271).

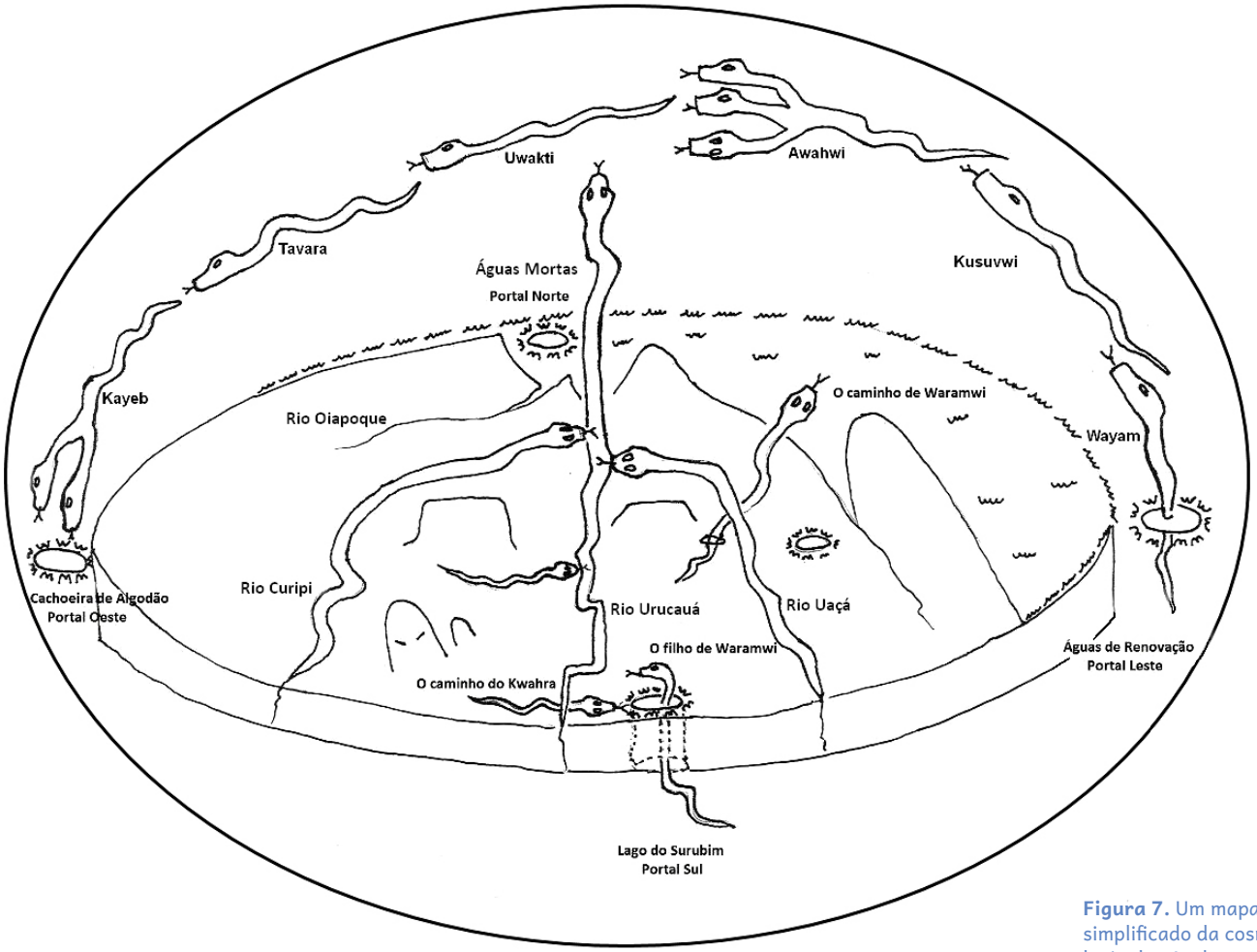


Figura 7. Um mapa simplificado da cosmologia dos Arukwayene, seguindo a interpretação do Emiliano, que as constelações das chuvas são cobras grandes. O mapa mostra os rios e os portais entre o mundo, o submundo, e o céu. Também se diz que os rios da terra foram cobras. Desenho: David Green

kavanhaki, que é o cocar maior, com penas das asas de arara apontadas para cima e um cobre-nuca feito de madeira ou algodão.[26] A escultura que ele fez dessa constelação (ver abaixo) representa a Cobra Grande de Duas Cabeças com uma grande mão que se estende na direção da região do Cruzeiro do Sul. A escultura demonstra que o corpo da constelação ocupa o espaço escuro entre as estrelas em torno dele. No relato do senhor Sarisri, Kayeb promove curas, pois sua longa mão pode alcançar o mestre da doença de longe, e porque carrega consigo assistentes que também são capazes de curar.[27]

26 Uma serpente emplumada: O nome na língua palikur descreve o modo como as penas são dispostas: *kamewnene* significaria "agarradas"; enquanto o capacete cerimonial maior, o kavanhaki, pode significar "brotando" de penas grandes. É notável que o Kayeb está usando a coroa emplumada menor.

27 2008-JUL-t13-sarisri-rainstars.doc



Figura 8. Senhor Uwet Manuel Antônio dos Santos esculpindo uma constelação. Foto: David Green

A ideia de experimentar o entalhe em madeira foi um esforço final, em 2005, depois do relativo fracasso de nossas tentativas de estimular as pessoas a representarem as constelações em desenhos a lápis sobre papel. Embora alguns houvessem desenhado formas de modo reconhecível, a maioria das tentativas de pedir às pessoas que representassem as constelações sobre o papel ligando pontos e representando as estrelas com pontos ou asteriscos revelaram-se

ambíguas e pouco aproveitáveis. O sucesso do entalhe em madeira na representação das estrelas das chuvas sugere que nossa abordagem anterior da astronomia, ligando os pontos ou usando adesivos, baseava-se nos princípios errados, uma vez que as constelações no Urucauá não são conhecidas como pontos de luz numa tela bidimensional vazia, mas como seres vivos cuja vida (ou vitalidade) residiria nos bancos que os representam (McEwan 2001).

Peter Roe (2005 [1996]) sugere que, na Amazônia, as estrelas e o espaço escuro devem ser compreendidos numa relação entre figura e fundo. Podemos concordar com ele, e observar também que as esculturas oferecem mais de uma indicação de que aquilo que está em jogo na Amazônia é um modo de cognição do espaço. A diferença entre a episteme representacional na abordagem com os adesivos e a episteme relacional implícita nas esculturas das estrelas como seres é um aspecto ao qual retornaremos mais adiante. Emiliano usa as regiões escuras para localizar Kayeb no céu noturno, e essas regiões escuras se referem a uma narrativa sobre dois jaguares que atacam um veado: os jaguares são as regiões escuras da Via Láctea, e o ferrão da constelação de Escorpião forma os chifres (*gituw*) do veado.

Muitas narrativas fazem referência a essa parte do céu. O senhor Ixãwet Labontê, que vive rio acima, na ilha Yanawa, a cerca de meia hora a remo das aldeias mais movimentadas e próximas de Kumenê, diz não conhecer as estrelas que compõem o Veado e o Jaguar, embora tenha ouvido falar delas. Ele vê o ferrão de Escorpião como a cabeça de Kayeb, e situa o corpo de Kayeb nas regiões escuras da Via Láctea. Em sua versão, as Guardas do Cruzeiro do Sul – Alpha e Beta Centauri[28] – são as duas mãos de Kayeb, não suas duas cabeças. Outros narradores do mesmo rio as reconhecem como os Dois Varejadores ou Takehpene – dois irmãos que varejam[29] ao lado de Kayeb, buscando uma esposa que se transformou num cágado-cabeçudo[30], o que o pesquisador Curt Nimuendajú já havia observado em 1925.

28 Alpha e Beta Centauri também são conhecidas como Hadar e Rigil Kentaurus.

29 Isto é, impelem suas canoas com varas.

30 Espécie de tartaruga ou quelônio da água doce chamado cágado-cabeçudo, *Peltocephalus dumerilianus*.



Figura 9. Senhora Parakwayan Ioiô Wayvuyano. Foto: David Green

A senhora Parakwayan, uma bem-quista avó da ilha de Kwikwit, descreve os Dois Varejadores (Alpha e Beta Centauri) não como as cabeças de Kayeb, mas como os rastros de um barco impelido a vara, acompanhando na água o barco de Kayeb.

De nosso ponto de vista, esse conjunto de narrativas sugere serem muitas as narrativas contadas a respeito do céu noturno.[31] No entanto, a narrativa de Kayeb é, de longe, a mais proeminente dessa coleção de relatos, quase certamente por conta de sua ligação com a chuva e com os viajantes que foram ao mundo subterrâneo e precisam de uma carona para casa.

David: Ba kadahan estuwa gimin Kayeb?

David: Há alguma estória sobre Kayeb? [32]

Parakwayan: Kadahan Kayeb. Kadahan Takehpene.

Parakwayan: Há Kayeb. Há os Dois Varejadores.

31 A historia dos Dois Varejadores é bem-conhecida, entretanto ela não faz parte da história épica das estrelas das chuvas. As identificações sobrepostas das estrelas Alpha e Beta Centauri podem indicar uma integracão/combinacão de sistemas de outros grupos indígenas.

32 2003-JUL-t09-parakwayan-star-stories.doc

Ku aysaw unad abet igkis takahpa.	Quando a água está alta, eles varejam.[33]
Ay avigku warik ig kadahan gihmun. Aynte gimun Kayeb.	Aqui no rio[34] ele tem o seu barco. Lá acima, bem longe, junto de Kayeb.
Heneme ku aysaw unad igkis takahpa. Hawata ke wixwiybe, aybe.	Mas, quando as águas das cheias estão altas, eles varejam. Assim como nós, aqui na terra.
Igkis takehpene uwar. Kadahan estuwa gidahan.	Eles caçam o cágado-cabeçudo. Há uma estória sobre ele.[35]



Figura 10. Takehpene: a constelação dos Dois Varejadores. Desenho: David Green [em Stellarium]

33 Nas várzeas encharcadas em torno do rio celestial.

34 A Via Láctea.

35 Em narrativa contada pelo senhor Floriano Ioiô, um homem e sua esposa saem à procura de fruta nos buritizeiros na várzea. Numa chuva forte, a esposa coloca uma cabaça na cabeça dela. De repente, a canoa bate num buritizeiro. Ela cai na água e se transforma num cágado-cabeçudo. De volta à aldeia, os parentes dela não acreditam na estória do marido. Para provar sua inocência, o marido e seu irmão varejam pela várzea à procura dela. Até hoje, continuam à procura do cágado-cabeçudo no rio celestial (2000-JUL-t00x-floriano-takehpene.doc). O senhor Emiliano indica que os Dois Varejadores usam um portal entre mundos, visto como a região escura na Via Láctea, perto do Cruzeiro do Sul, conhecida como a Nebulosa Negra do Saco de Carvão (Diário de D. G., julho de 2008). Na região dos ceus perto de Kayeb existem várias constelações (Os Varejadores, O Veado e as Onças , e, Iyakrit – o Cruzeiro do Sul) até sobrepostas na mesma área, mas todas elas têm ligações com as áreas escuras da Via Láctea.

O senhor Uwet Manoel Antônio dos Santos, extraordinário contador de estórias, liga as chuvas de Kayeb às onças. Esta entrevista aconteceu durante a noite, enquanto ele apontava para o céu com um sinalizador que lhe foi oferecido por David.

ner Kayeb wayk payak akak givig kawokwine. ner kawokwine akak ner kawokwine huwit ayteke gitivut atan.	Kayeb chove junto com as suas onças de estimação. Aquela onça ali, com aquela outra onça abatendo esse veado aqui.
Ig wade pakwa ayegbi ay. Ay it ay.	Ele está bem no meio, aqui. Aqui, aqui está o veado.*[Uwet aponta para o veado com o sinalizador.]*
Pahavwi kamaxwig ayteke giduhyamadga.	Uma onça o pegou pelas costas.
Pahavwi kamaxwig gihepkatak ay.	Outra onça o pegou pela frente, aqui.
Igkis kanumka Kayeb givig. ner Kayeb kavigyene inere.	Elas são chamadas xerimbabos[36] de Kayeb. Kayeb domesticou essas onças.
Embe ineki keh kiyavwiyegben kanum, “Kawokwine Kayeb givig”.	Por isso, os mais velhos dizem: “As onças são xerimbabos de Kayeb”.

36 Trata-se dos espíritos auxiliares de Kayeb. *Givig* é, literalmente, um animal de estimação, ou animal domesticado, daí xerimbabo. O senhor Emiliano conta que durante a cerimônia de iniciação de um pajé, ele tem que ir sozinho ao meio do mata, tomar um banho da seiva da árvore mururé, fumar e aguardar a chegada dos espíritos, que serão seus xerimbabos e o ajudarão.



Figura 11. A constelação das onças e o veado. Desenho: David Green [em Stellarium]

Na aldeia insular de Kamuywa, as narrativas do senhor Sarisri (Davi Espírito Santo) tendiam a refletir os interesses do agricultor, e se ligavam intimamente à correlação entre as estrelas matutinas, o clima sazonal e o ecossistema:

Figura 12. Senhor Sarisri Wayvuyene (Davi Espírito Santo). Foto: David Green



Sarisri: Muwok pitatye. Warukma ig pitatye nor Kayeb.	**Sarisri:** As primeiras chuvas. A primeira estrela é Kayeb.
Kayeb. Kuri ig danuha wot adahan ig waykwiye.	Kayeb sobe até nós, para ele começar a chover.
Nikwe payak akak mayg. Ka aynsima mayg kuwis.	Junto com o vento. Já tem muito vento.
Kayeb wayk. Wayk. Wayk.	Kayeb chove, chove, chove.
Kuri ku ig wayk. Estuwa gidahankis ku ig tivikwiye amadgawa ginawiya.	Aí, quando ele começa a chover, a estória dos ancestrais diz que ele viaja em seu próprio barco.
Ka aynsima mayg. Ka aynsima muwok.	Tem muito vento, tem muita chuva.
Nikwe ig tivik.	Aí ele vai embora.
Datka ig; muwok gahawkri.	Ele é uma Cobra Grande; o Avô das Chuvas.[37]
Lesley: Kabet ig kavusa?	**Lesley:** Quando ele começa?
Sarisri: Ig kavusa arimkat kayg 'dezembro' nutuhbe.	**Sarisri:** Ele começa por volta de dezembro, acho.
Heneme ka iki un. Aynesa un. Ik adahan kariwruyan kan. Ik adahan iygyan. Iyg kan. Aynesa un.	Mas não dá água suficiente para cobrir os campos. Só um pouco de água. Apenas para os peixes tamuatá e traíra desovarem. Só um pouco de água.
Ariwntak ig maviya kuwis, kuri tavara.	Quando ele passa, aí vem a vez do Tavara, o Martim-Pescador.

37 Avô ou espírito-mestre.



Figura 13. O peixe tamuatá e seus ovos. Foto: David Green

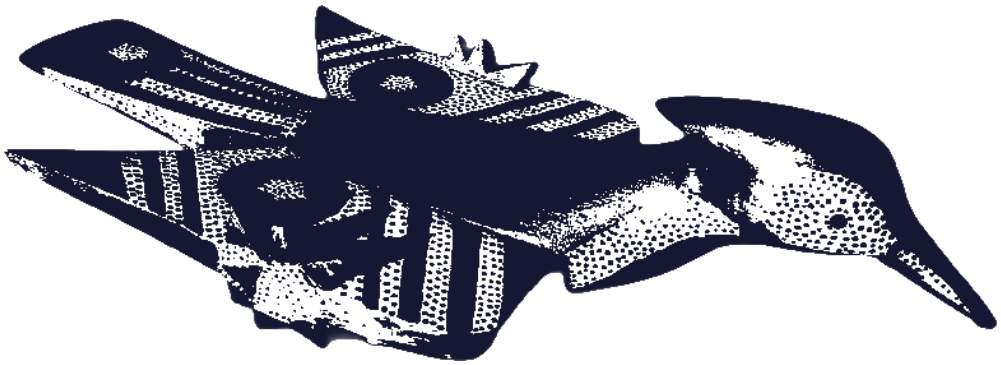


Figura 14. A escultura de Tavara, a constelação da segunda chuva.

A segunda chuva: Tavara, o Martim-Pescador (fevereiro)

Após Kayeb vem Tavara, o Martim-Pescador, marcado pelas três estrelas alinhadas que se assemelham a um Martim-Pescador em pleno vôo, com as asas abertas. Estas estrelas são conhecidas alhures como Tarazed, Altair e Alshain.

Elas fazem parte da constelação conhecida pela astronomia formal como Aquila, a Águia, e foram observadas por Peter Roe como sendo as estrelas do Urubu-Rei no repertório shipibo (Roe 2005 [1996]: 213-4). Fabíola Jara nota a importância de Aquila no repertório arawak, mas as associações que ela esmiúça não encontram paralelo em nossos registros. Em meados de dezembro, Tavara desaparece ao anoitecer, mas em meados de fevereiro reaparece ao amanhecer. A senhora Parakwayan nos deu o seguinte relato sobre a viagem de Tavara:

Parakwayan: Kuri igme Tavara hawata makeknene avit inutwi.

Kuri kabeyweke pis hiyavgi ay kuwis.

Parakwayan: Então, o Martim-Pescador também segue o caminho no alto do céu.[38]

Daí, de manhã bem cedo, você vê que ele já está aqui.

38 2003-JUL-t09-parakwayan-star-stories.doc

Kuri ig wayk. Kayeb wayk. Wayk. Ig arewke.	Aí ele começa a chover. Kayeb chove. Chove. Então ele seca.
Ig inute. Pase ig inut ig aytwe han.	Ele aparece lá no alto. Depois que chegou no alto, ele vem nessa direção. *[Parakwayan faz um gesto indicando a direção de leste a oeste.]*
Kuri Tavarame tivik. Igme Tavara tivik.	Aí o Martim-Pescador começa a partir, Tavara vai embora.



Figura 15. Senhora Pupta Wadahyano. Foto: David Green

O Martim-Pescador aparece junto de sua comida, todas as pequenas *ikar* (matupiris ou piabas prateadas). A senhora Pupta, esposa de Ixãwet, explica isso do seguinte modo:

Pupta: Tavara yagak! Ig kadahan gimana ikar.	**Pupta:** Tavara está estendido! Ele tem sua comida, as piabas prateadas.
Heneme aynte gimun. Aynte inut.	Estão lá no alto, junto com ele.

O senhor Sarisri explica o que se espera da estação em que o Tavara surge ao amanhecer:

Lesley: Pariye Tavara awahkis?	**Lesley:** O Tavara manda o quê?
Sarisri: Tavara awahkis muwok. Kuri ig awahkis pi kiyeste un. Nikwe ka aynsima mewka.	**Sarisri:** O Tavara *[o Martim-Pescador]* manda chuva. Ele manda muito mais água. Aí tem muitas tracajás.
Ka aynsima punamna.	Tem muito jacaré-tinga.
Ka aynsima uwar kariymadga.	Tem muito cágado-cabeçudo nas várzeas.
Hiyeg takah. Igkis kamax ka aynsima im.	As pessoas varejam *[nas várzeas cheias]*. Elas pegam muito peixe.
Tavara awahkis inere.	É o Tavara que manda tudo isso.
Ayteke ku Tavara mpiya kuwis. Yuma akiw.	Depois que Tavara já atravessou, não tem mais chuva.
Nikwe kuri Uwaktime. Uwakti wayk hawata akiw.	Aí vem o tempo de Uwakti. Uwakti também chove em seguida.

A nosso pedido, o senhor Uwet esculpiu a constelação do Martim-Pescador, e instruiu sua filha caçula, Dansa dos Santos, sobre como pintá-la. Observe-se os detalhes das estrelas brilhantes sobre as asas na escultura já terminada, uma vez que essas estrelas são muito brilhantes e fáceis de ver.





Figura 16. A Dansa dos Santos pintando a escultura de Tavara. Foto: David Green

Figura 17. Senhor Uwet com a escultura de Tavara já terminada. Foto: David Green



Figura 18. Tavara: a constelação do Martim-Pescador com piabas. Desenho: David Green [em Stellarium]

Ao anoitecer, o senhor Uwet aponta para a constelação de Tavara, identificando as estrelas com um sinalizador a laser.

Uwet: ner ku kanumka Tavara. Muwok Gahawkri ner.	**Uwet:** Ele é chamado Tavara. É um Avô das Chuvas.
ner nopsad. Ka nopsimahad kuhivgad!	Ele é grande... um pássaro enorme!
Ig kadahan gihanpi han.	Ele tem as asas dele assim.
Inere pahatra gihanpi inut han.	Aquilo ali é uma das suas asas estendida para cima, para esse lado.
Ig kadahan ikar han pitatak.	Tem piabas, assim, na frente dele.
Ig kadahan ikar ayteke butak.	Tem piabas desse lado, e atrás dele.
ner Tavara, kiyavwiyegben kanum "Muwok Gahawkri."	O Tavara, os anciões o chamam de "o Avô das Chuvas".
Inetra warukmaviyene in gihanpi in.	Estas estrelas são as asas dele. *[Uwet aponta para as estrelas Alshain (Beta Aquilae) e Tarazed (Gamma Aquilae)]*

Arakak ku pi keh paha warukma amadga gihanpi aytekene.	É um sinal que você faz, uma estrela na asa, desse lado.
Paha warukma ayteke amadga inin.	Uma outra estrela, do outro lado, aqui.
Ig Tavara arakak gidahan adah ig Muwok Gahawkri.	O Tavara representado pelas estrelas, mostra que ele é um Avô das Chuvas.
ner digisese madikte kariy.	Ele inunda os todos os campos.
Muwapuw hiyeg takah kariymadgew.	As pessoas podem varejar para todo lado nas várzeas cheias.
David: Kiyavwiye, ba kadahan warukma ku pariye igkis kanum Tavara Akivara?	**David:** Senhor, existe uma estrela chamada de "Mestre de Tavara"?[39]
Uwet: Ya! Inerenewa pakwaku. Inerenewa Tavara Akivara. ner!	**Uwet:** Sim! É esse no centro.[40] Esse é o "Mestre de Tavara". Ele. *[Uwet aponta para a estrela Altair (Alpha Aquilae.]*
Inme gihanpi inere. ner ayteke gihanpi.	Mas, aquela ali é a asa dele. Aquela é a asa, do outro lado.
Igyewa Tavara ner.	Aquele ali é o verdadeiro Tavara.
Inme ner gihanpi.	Aquela ali é a asa dele.
Inere arakak... ku pis hiya ku Kayeb pituke kuwis igme ku waykisne muwok.	É um sinal... se você ver que Kayeb já se pôs no horizonte, agora é a vez dele fazer a chuva cair.
Ig waykis muwok. Ig digisasa kariy made!	Ele faz a chuva cair. Ele inunda todos os campos.
Pahakte kariy!	Inunda completamente a várzea!
Made hiyeg takah muwapuw kariymadgew.	Todo mundo vareja para todo lado pelos campos inundados.

39 A pergunta surgiu porque o Emiliano havia identificado as estrelas na constelação de Delphinus como o Mestre de Tavara (*Tavara Akivara*).

40 A que manda nas outras.

Awaku inin... ner pi kahwite giwkis made ay.	Por causa disso... ele derrama água bem mais do que qualquer chuva antes dele.
Kiyavwiyeben awna: “Ig pi kahwite”.	Os anciões diziam:[41] “ele derrama mais”.
Igkis awna: “Ig pi kadahante wohska giwkis made ay”!	Eles diziam: “Ele tem mais caxiri do que todos antes dele!”
Inakni kuri. Ihamwi giwn.	Então é isso. Eram as palavras do pajé.
Ig kahwi ariw made.	Ele derrama mais do que todos eles.
Embe ineki keh ku pi hiya Kayeb ka kahwineku, sema tavarame pi kahwinek.	Então é por isso que, se você ver que o Kayeb não derrama muito, mas o Tavara vai derramar.
Tavara digisasa kariy made.	Tavara vai inundar toda a várzea.
Kayeb ka digisasa sema Tavara digisase kariy.	Kayeb não inunda, mas o Tavara inunda os campos.

Mais tarde, naquela mesma noite, o senhor Uwet mostrou a canção de Tavara:

Uwet: Ihi. Ig tavara ig.	**Uwet:** Sim, é um Martim-Pescador.
Inakni kuri maygekwene ig misakwa sema ariku Maywak.	Agora, esse Ser do Vento, ele vive no ar do Maywak[42]
Yuma hiyeg ahiyekten inin avat kuri.	Ninguém sabe essa canção agora.
Igkis kanum Yemaygekwene.	Eles a chamam *Yemaygekwene*, a Canção do Ser do Vento.
Ig misakwa ariku maygakwa.	Ele vive nos ventos ou espaço vazio.

41 O avô do senhor Uwet.

42 *Maywak* é uma palavra na linguagem antiga que significa o plano de existência em que vivemos. *Maywak* inclui a superfície da terra, o ar, os ventos e a atmosfera. Nos outros mundos, *Inurik* e *Waympi*, o tempo é diferente daquele de Maywak. Os seres não envelhecem e quem vai até lá, como Tunamri na narrativa da Waramwi, ou as pessoas a bordo do barco da Kusuvwi, podem rejuvenescer.

Ig Tavara misakwa sema Maygakwa ig misakwa.	Ele, o Martim-Pescador, vive no espaço vazio.
Inme ini Kuwekwene, igkis kanum Kuwekwene, awaku Kuweravimye ku kiney ig bat amadga gevwi.	Mas este poleiro[43], eles o chamam de poleiro, porque é onde ele se senta no seu banco, Kuweravimye[44].
Aynte Inurik ig bat amadga gevwi.	Lá em cima, no Inurik, o mundo superior, ele esta sentado no seu banco.
Yuma hiyeg gihiyekten, sema igwa ihamwi hiyavgi. Ig ihamwi hiya.	Nenhuma pessoa o vê, só o próprio pajé o vê. O pajé vê.
Ig wew ku samah tivik.	Conforme ele viaja, ele caminha.
Ig tivik. Ig akumne. Ig hiya Tavara.	Ele vai, ele fuma, ele enxerga o Martim-Pescador.
Kuri ig misakwa sema ariku Maywak.	Agora ele vive apenas no *Maywak*.
Uwet: Yemayhrekwehne, tah-pahy-ra! (x2)	**Uwet:** *O Ser dos Ventos, grasnando, lá no alto! (x2)*
Yara, kuwehkwehkeyone, tah-pahy-ra! (x2)	*Na beira[45], grasnando, lá no alto! (x2)*
Yemayhreykwehne, tah-pahy-ra! (x2)	*O Ser dos Ventos, grasnando, lá no alto! (x2)*
"Iveg Tavara inut! Iveg ku ig aynte inut!"	"*Veja o Martim-Pescador, lá no alto! Vejam como ele está lá no alto!*"[46]

43 *Kuwekwene*: o lugar dos grasnados. Esta palavra da língua antiga palikur significa o poleiro onde o Martim-Pescador se senta, na beira do rio celestial, e faz grasnados e cantos. Refere-se ainda ao lugar onde o pajé põe seu banco numa área de dança. É possível que se referisse ao topo do mastro numa área de dança, onde se sentam os espíritos auxiliadores do pajé.

44 *Kuweravimye*: um segundo termo da antiga língua palikur para se referir ao poleiro onde se senta o Martim-Pescador. Literalmente, "[o lugar] de onde sai Kuwera". É possível que Kuwera seja o nome antigo do Martim-Pescador celestial. O senhor Uwet informou que seu avô, o pajé Buyomin Guillaume, foi até Kuweravimye e aprendeu a Canção do Ser do Vento, e esculpiu um banco de madeira na forma do Martim-Pescador celestial.

45 Ou então, "na cerca".

46 Aqui o senhor Uwet verte a canção para a língua palikur atual.

Bawa ig misakwa sema ariku Maywak.	Mas ele vive apenas em Maywak.
Inme giwetri kiney ig bat. Kuweravimye.	No entanto, seu lugar, onde ele se senta, é Kuweravimye.
In Kuweravimye misakwa wade akigbimna warik.	Esse Kuweravimye fica bem na beira do rio.[47]
Ineki keh ig ihamwi ba pak ini avat.	É por isso que o pajé cantava essa canção.
Ka aynsima ihamwi ba pak inere avat!	O pajé cantava muito essa canção!
Ku aysaw ig kayne ig bat akimpu baribwi.	Quando está dançando, ele se senta no pé do mastro.
Ig iwe givig.	Ele pega seus xerimbabos.
Gakisyi baribwi nopsanyo akigsa asugit.	Os enfeites de pequenas bandeiras foram inseridos no topo do cajado cerimonial.[48]
Ig batahkiswa atere. Ig batahkis amaku gevwi adah ig paksig.	Ele se senta ali. Ele se senta no seu banco para cantar sobre o Martim-Pescador.
Ig paksig gavan.	Ele canta a canção dele.

47 O rio celestial.

48 Ou “os enfeites do topo do mastro da dança dele são bandeiras pequenas”.

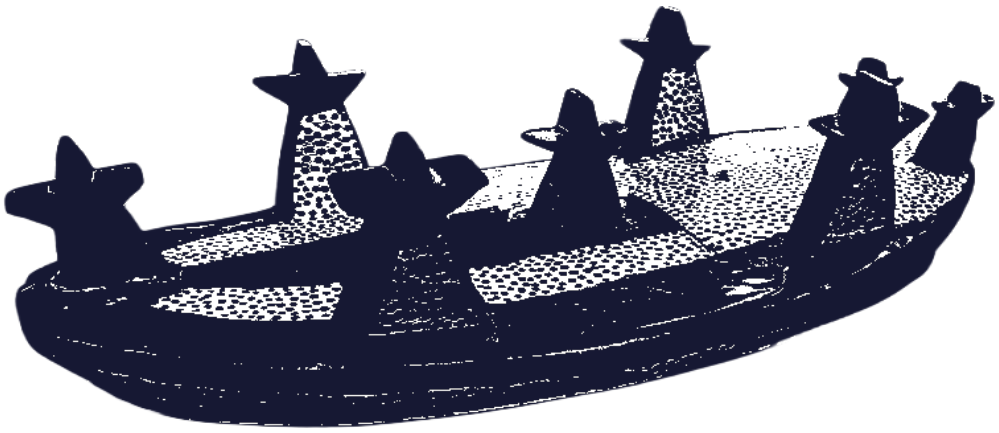


Figura 19. A escultura de Uwakti, a constelação da terceira chuva.

A Terceira Chuva: Uwakti (março-abril)

Uwakti[49] é um ancestral que subiu aos céus a partir de um ponto na paisagem do Urucauá chamada Uwaktewni – ou "os Vestígios da casa do Uwakti". Lá nos céus, ele faz sua casa – quatro esteios[50] – aproximadamente no mesmo período em que a constelação de Pégaso surge a leste, antes do Sol, do fim de março ao início de abril. Quando pedíamos que as pessoas desenhassem Uwakti, a constelação era bastante reconhecível: as quatro estrelas eram notavelmente semelhantes ao grande quadrado de Pégaso, com as muitas pequenas estrelas dentro do quadrilátero marcando a presença do homem chamado Uwakti.

49 A geração mais jovem escreve o nome "Wakti".

50 Três dos anciãos identificaram quatro estrelas. Mas o Sr. Uwet enfatiza três estrelas que representam não somente os esteios, mas também o triângulo do telhado (com folhas de inajazeiros; *Attalea maripa)*. O telhado fica na posição vertical quando se eleva à noite, mas pela manhã, quando se põe, ele está de cabeça para baixo. No entanto, quando Sr. Uwet esculpiu a constelação de Uwakti na Figura 19, ele identificou quatro esteios da casa (pintados de vermelho) e a cabeça na proa, o corpo e os pés de Uwakti (pintados de preto).

Lesley: Kabet kavusa Uwakti?	**Lesley:** Quando começa Uwakti? [51]
Sarisri: Uwakti kavusaw aharit no... março aharit.	**Sarisri:** Uwakti começa por volta de... março.
Ku pis hiya Uwakti wayk aharit março ka aynsima unad.	Você pode ver que Uwakti realmente chove em março, tem muita água.
Igkis kanum inere Kahambarewka awaku eg kahamabar kew ka aynsima guw.	Chamam isso de "estação do taperebá", porque suas árvores dão muita fruta.
Lesley: Uwakti pariye gihivak?	**Lesley:** Como é a aparência de Uwakti?
Sarisri: Kaba ig ke warukmabe. Ig ke waravyube ig Uwakti.	**Sarisri:** Ele não chega a ser uma estrela grande. Uwakti é uma estrela pequena[52].
Ay ig akak inin kuri. Heneme kabeyweke ig pes.	Ele está aqui no alto do céu agora. Mas ele sai só de manhã bem cedo.
Ke ba quatro horas. Kwewanek Uwakti pes.	Por volta de quatro horas da manhã. Mais tarde Uwakti vai sair.
Nikwe ig Uwakti. Estuwa gidahan.	Então, essa é a estória de Uwakti.
Ig kavinene aynte Uwaktewni.	Ele vivia lá, em Uwaktewni.
Waxri kewye Uwaktewni.	Tem uma terra chamada Uwaktewni.[53]
Aynte Kuruvi. Amun iwivravunen. Ayge.	Fica perto de Kuruvi. Entre as taquaras *iwivra*, ali.
Ayge pahak mahakwa humaw.	Ali se formou um lago.

51 2003-JUL-t22-davi-rainstars2.doc

52 O Sarisri referir-se às pequenas estrelas que formam o corpo de Uwakti entre os quatro esteios maiores, e não à constelação inteira.

53 Uma área com um lago e uma ponta de terra na Ilha Ukupi, chamada "Os vestígios da casa do Uwakti".



Figura 20. Localização dos vestígios da casa do Uwakti. Foto: David Green

Ig awna: "Ini payt adukwen."	Diziam: "Esses são os vestígios de uma casa."
"Minikwak kadahan payt ay. Amekene givin."	"Muito tempo atrás, aqui tinha uma casa, a casa de nosso ancestral."
"Uwakti giw. Nikwe ig tivik. Ig wagehe inute."	"Seu nome é Uwakti. Depois ele partiu, ele subiu para o céu."
"Kuri ig aynte inut kuwis."	"Agora ele vive bem lá no alto."
Uwakti awna giwn: "Kuri nah me tivik inute. Butityevwi hiyavun akiw, kuri igkis hiyavunek aynte inut. Nah awahkis muwok yiminnek avanenekwa".	Uwakti disse: "Agora estou partindo lá para o alto. Os seus descendentes vão me ver de novo, lá no alto. Mandarei chuva sempre para vocês."
Nikwe ig ikise ner mahakwa ayge.	Então ele deixou esse lago ali.
Payt adukwen. Himekepket adukwen. Uwakti ig.	Os vestígios da casa, os vestígios do lugar de dormir. É Uwakti.
Pitatye yuma Uwakti. Yuma giwarukma inut.	Antes, não havia Uwakti. Não havia suas estrelas lá no alto.
Heneme ig wagehe, nikwe humaw.	Mas ele subiu, então ele apareceu.

Ayteke igkis hiyapni hene.	Mais tarde eles viram que era verdade.
“Inyerwa humaw!”	“Ele apareceu mesmo!”
Igkis awna: “Kabay!”	Disseram: “Isso é bom!”
“Ig awahkis muwok ka aynsima.”	“Ele mandou muita chuva.”
Ayteke Uwakti maviya. Msekwe pahavwi kayg akiw.	Depois que Uwakti passou, veio mais um mês.
Kuri Kusuvwi. Kuri Kusuvwi wayk.	Aí é a vez do Kusuvwi. Agora Kusuvwi chove sobre a terra.

Uwakti traz uma chuva pesada, mas não a mais pesada de todas, o que talvez se explique em parte por não se situar diretamente no Rio do Mundo, mas entre ele e o caminho do sol.

Diz-se que entre as chuvas de cada constelação há intervalos curtos de seca. O intervalo de seca de Uwakti é o único que recebe um nome específico: ele é chamado *Kahem* (Quaresma, em kheuol) e *abereswan* ou *aberesvut* (em palikur), o que quer dizer “quando os céus limpam”. *Aberesvut* é também o nome de uma fruta que amadurece em março.

Figura 21. Senhor Ixãwet Tumeh Labontê Kawakukyene. Foto: David Green



Ixãwet: Ba Uwakti? Ku samah ig wayk?	**Ixãwet:** Como é que Uwakti chove?
Ig wayk adah pahay paka. Ig arewke.	Ele chove por uma semana. Ele para.
Hiyeg ka kamax kiyesradma. Ig ka ewk unadma.	As pessoas não pegam muito peixe. Ele não traz águas altas.
Pahay paka ig arewke.	Então, por uma semana ele para.
Kuri ig inut aytekene. Ig wayk abusku... kawkama pahay paka.	Agora, quando ele sobe no outro lado, ele chove por meia semana, nem chega a uma semana inteira.
Abusku hawkri ig waykwad. Ig arewke.	Ele chove a metade do dia, e para.

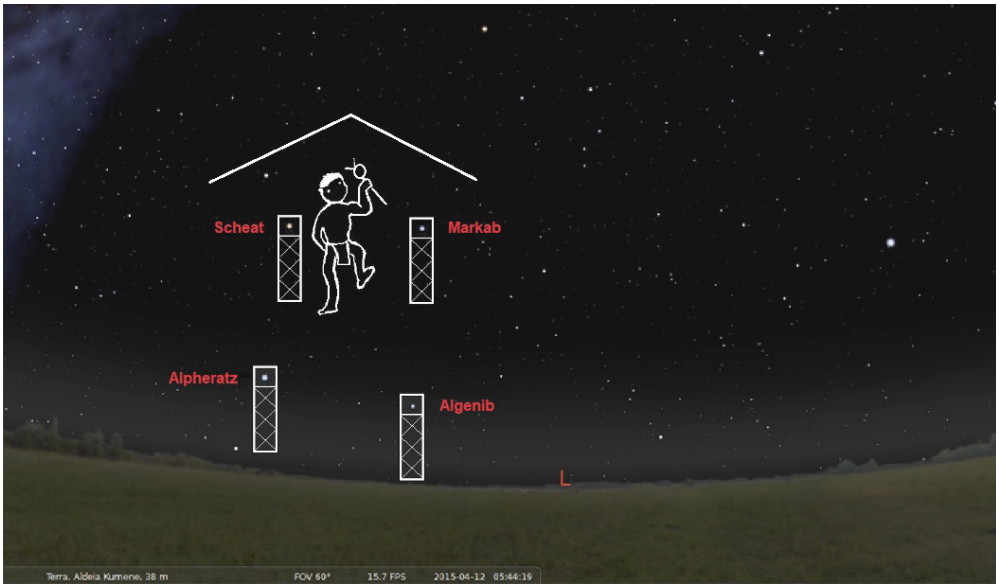


Figura 22. Uwakti: a constelação da casa do homen Uwakti. Desenho: David Green [em Stellarium]

A constelação Uwakti também está associada a fortes ventos e tempestades, como sugere este trecho da versão de Uwet para a narrativa sobre o Masitwak[54]:

54 Masitwak é um monstro (mapinguari) cuja boca fica no peito, e que vive no Mundo do Fundo. A narrativa do senhor Uwet sobre este ser inclui vários temas de cosmologia dos Arukwayene como a briga entre o sol e a lua e a viagem do jovem pajé no barco das Plêiades.

Uwet: Embe kuri ahwi Uwakti danuh.
Ig danuh bute.

Igkis danuh atere. Igkis ayapkere adahan tivik amadgat.

Ahwi Uwakti awna ta git: “Nukebyi, ka ik adah nah ayhpap awaku nuhmun akak mayg, muwok!

Yuma ayemket amadga nuhmun.

Ku aysaw nah manukwiye han, yuma mayeket. Inenewa mayg.

Nudahan ka sam. Hiyawa abet muwok. Heneme pis bakimni. Ka ik.

Amawka pis wahap ahwi. Ahwi nemnik. ner ahwi ayhpap.

ner ahwi kadahan kiyapyad nawiyad. Me gahubwad. Nere gidahan yuma sabaptiki gimun.

Awaku gihmun pahowte pitihpit. Muwok ka parak atere.

Udahanwa ka pitihpitnama. Udahan henenwa. Usuh uti muwok hawata.”

Uwet: Daí, então, o vovô Uwakti chegou.
Ele chegou por trás.

Eles chegaram lá, e pediram para ir a bordo.

O vovô Uwakti disse: “Meu parente, não é possível te levar porque a minha canoa vai com vento e chuva!

Não há abrigo a bordo da minha canoa.

Quando eu atravesso, não há lugar para descansar. Só vento.

Para mim, isso não importa, mesmo na chuva. Mas você é criança. Não é possível. Você deve esperar pelo avô.

Ele deve esperar pelo avô. O avô está vindo. Já, já, o avô vai te levar.

Esse avô tem um grande barco, bem largo. Com ele, não tem como se molhar.

Porque a canoa dele é completamente vedada e coberta. A chuva não entra.

A nossa canoa não é coberta.
A nossa canoa é do jeito que é. Chove na gente, também.”

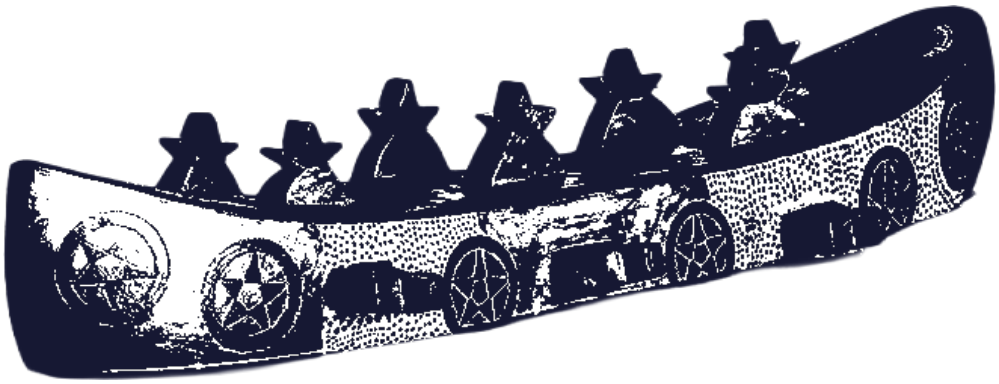


Figura 23. A escultura de Kusuvwi, a constelação da quarta chuva.

A Quarta Chuva: Kusuvwi (abril-junho)

A estação de Kusuvwi[55], ou "temporais", começa no fim de abril, mês em que a água sobe e os peixes se dispersam. A comida não é abundante ao início dessa estação, mas entre o fim de junho e o início de julho, os pequenos peixes prateados *ikar*[56] (matupiri ou piaba) começam a se mover em grandes cardumes rio acima, e não deixam de se assemelhar a estrelas conforme saltam as corredeiras em grandes ondas. Os tucunarés e as piranhas seguem as piabas, o que contribui para um período de abundância no rio.

A estação de Kusuvwi tem muitas *dramatis personae*, incluindo os dois irmãos já conhecidos de outros povos. Kusuvwi Egutye, o Irmão Mais Velho – é um pequeno agrupamento estelar[57] similar às Plêiades, que mal se pode ver, por ter sido devorado por Awahwi, a Cobra Grande de três cabeças (na região de Perseu), que de tão grande é capaz de engolir mundos, e que deve ser repelida. Embora

55 A geração mais velha fala o nome "Kusuruvwi".

56 O matupiri (*Moenkhausia sp.*) é semelhante ao piaba (*Astyanax sp.*). No Rio Urucauá, suas nadadeiras variam entre laranja e vermelha. Distintamente, o matupiri *ikar* tem uma marca vermelha brilhante na parte superior dos olhos e o seu corpo tem duas manchas ovais próximas às nadadeiras peitorais. Também é semelhante ao pacu-prata (*Metynnis lippincottianus*), *waygu* em palikur, que dá nome ao Museu dos Povos Indígenas na cidade de Oiapoque – Museu Kuahí. Ver Vidal (2008) e Pauline Laval e Lux Vidal (2018).

57 Aglomerado duplo denominado NGC 869 (acima) e NGC 884 (abaixo).

Kusuvwi Egutye seja pequeno e esteja no ventre de Awahwi, o barco de seu Irmão Mais Novo, Kusuvwi Isamwitye, o segue várias semanas mais tarde, pilotado pelo homem de uma perna só, tão conhecido na astronomia ameríndia. Seu nome, aqui, é Mahukatye ("Sem-Coxa"), e ele é associado à região em torno das três estrelas principais do cinturão de Órion (ou as "Três Marias") mais a adaga de Órion, que é a perna restante de Mahukatye. As outras estrelas de Órion são, aqui, a popa do barco, as duas estrelas que o acompanham ou transportam os filhos de Mahukatye e Kusuvwi.[58] A bordo do barco estão os frutos da estação de junho a julho, assim como uma constelação conhecida como a Gaivota (*Wanawna*), que é a pequena canoa de Kusuvwi, usada para ir até a margem.

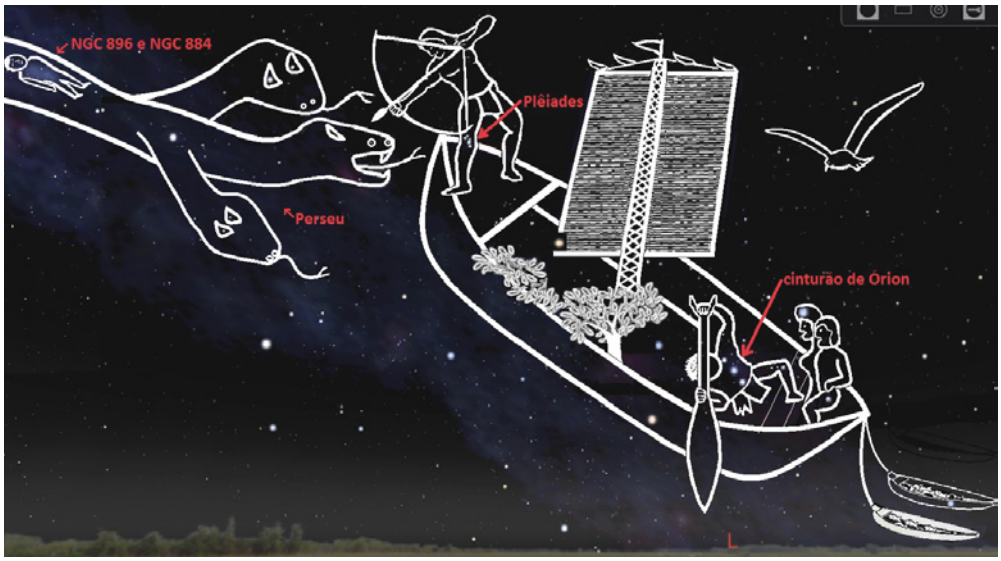


Figura 24. Kusuvwi: a constelação dos Dois Irmãos. Desenho: David Green [em Stellarium]

São as Plêiades quem faz o papel de Kusuvwi Isamwitye, que deve atirar na Cobra Grande Awahwi, que está prestes a comê-lo também. Awahwi morre, mas não apodrece, permanecendo visível.

Trata-se de um drama literalmente cósmico, envolvendo o Sol, as estrelas e a Via Láctea. Sua narração marca o ponto mais ao norte da viagem anual do Sol pelo céu em direção à sua posição no solstício de junho, momento em que o caminho

58 O senhor Emiliano identifica Rigil como "A estrela que transporta ou guia Kusuvwi" ("*Warukma Giwaxwepten Kusuvwi*"), e Betelgeuse como "A estrela que acompanha Kusuvwi" ("*Warukma adah tivikwiye gikak*"). O senhor Uwet identifica Saiph como o filho de Mahukatye, e Rigil como a filha de Kusuvwi.

do Sol coincide com o centro do Rio do Mundo – a Via Láctea – ou aquilo que os astrônomos chamariam o centro do plano galático. O drama cósmico contém uma meia-volta, não se permitindo que este mundo seja devorado pela Cobra Grande Awahwi.

A cena como que se abre quando Awahwi (na constelação de Perseu) começa a surgir do lado norte do caminho do Sol, ao fim de maio. Na manhã do solstício de 21 de junho, o sol se eleva a leste-nordeste, a um azimute de 246º numa carta celeste em que oeste e leste se encontram invertidos, exatamente no ponto onde o braço da Via Láctea cruza a elipse solar. O drama que se desenrola anualmente integra a mudança de direção das estrelas, a reversão do rumo do sol, e o auge da estação das chuvas. Envolve também outro ator muito familiar nas narrativas ameríndias: o do homem de uma perna só (em Órion) chamado Mahukatye, que faz o papel do piloto do barco do Irmão Mais Novo. O senhor Sarisri (Davi), cujo talento para a dramatização torna suas narrativas tão envolventes, conta essa estória da seguinte maneira:

Lesley: Nah timap kadahan Kusuvwi. Egutye. Isamwitye.	**Lesley:** Ouvi dizer que há um Kusuvwi que é o Irmão Mais Velho, e outro que é o Irmão Mais Novo.
Sarisri: Ihi. Henewa!	**Sarisri:** Sim, é verdade!
Pitatye igkis pimukna nawiy.	Antes, eles estavam em dois barcos.
Kuri igkis tivikwiyekis pimuknamte.	Então eles começaram a viajar juntos, cada um em seu barco.
Pahamku nawiy gegni tivik pitatye.	O barco com o Irmão Mais Velho foi primeiro.
Ku ig tivik pitatye kuwis.	Quando ele já estava lá na frente.
Pahavwi datkad. Ka nopsimahad datkad.	Havia uma Cobra Grande bem grande, enorme.
Ig woke gibiy ayesri inin hawkri.	Quando essa cobra abre a boca, a boca tem o tamanho deste mundo.
Inin datkad. Awahwad!	Uma Cobra Grande enorme, o enorme Awahwi!

Giw awahwi. Ig datkad.	Seu nome é Awahwi. Era uma Cobra Grande enorme.
Kuri igme ka hiyaknima.	Mas o Irmão Mais Velho não o viu.
Ig kuwis tivik. Ka amuwa kuwis.	Ele já tinha ido para dentro da barriga da Cobra Grande. Ele não brilha muito.
Ig ka wew ig kuwis danuh ayge.	Ele não vai para lugar nenhum, ele já chegou lá.
Ig ka kahawka havisgi.	Não teve nem tempo de atirar.
Ig taris giyaka. Aa, kawa! Ayipa ig kuwis danuh ta gibiyrikut.	Ele tentou puxar a flecha, mas nada podia fazer, já estava dentro da boca.
Nikwe datka dakerevgi.	Então a Cobra Grande o engoliu.
Datka dakerevgi nikwe. Gisamwi nehmnik bute.	Depois que a Cobra Grande o engoliu, seu Irmão Mais Novo apareceu por trás.
Kusuvwi gisamwi nemnik.	Kusuvwi, o Irmão Mais Novo, estava se aproximando.
Ku ig piyawkad. Ig iveg atere. Ig awna ta git Mahukatye.	Enquanto ainda estava longe, o Irmão Mais Novo olhou para lá, e falou com Mahukatye.
Ig awna: "Axtig ayta! Ig dakere negni kuwis. Gihmune. Ahegbeta piyako! Havisnig!"	O Irmão Mais Novo disse: "Veio um monstro *predador*! Ele já engoliu o meu irmão! Prepare suas flechas! Atire!"
Ig Mahukatye avisasew.	Mahukatye ficou aterrorizado.
Ig awna: "Higihwa! Ba ayta huwita nawiy. Nahwa! Nahwa atere!"	Kusuvwi, o Irmão Mais Novo, disse: "Sai da frente! Volte aqui e conduza o barco! Deixe-me tentar! Eu vou lá na frente!"
Nikwe ig Kusuvwi mpiya.	Então Kusuvwi passou para a frente do barco.



Figura 25. A escultura de Awahwi, a Cobra Grande de Três Cabeças. Foto: David Green

Kuri akak inin kuri Mahukatye aynte aburik Kusuvwi ginawiya.	Até hoje, Mahukatye está bem lá atrás, na popa do barco de Kusuvwi.
Igme Kusuvwi muhuksatak.	Enquanto Kusuvwi, o Irmão Mais Novo, fica na proa.
Nikwe nor datka atere. Ig haviswig. Pang! Akak yakot!	Então, a Cobra Grande aproximou-se ali. Ele atirou nela. Pam! Com uma flecha!
Ta! Arikut giwtyak! Datkad! Ka nopsi-mahad Awahwad!	Táá! Bem no olho dela, daquela Cobra Grande enorme! O enorme Awahwi!
Nikwe ig haviswig. Made ig miya.	Então Kusuvwi atirou nele. Ele morreu de vez.
Lesley: Awahwi?	**Lesley**: O Awahwi morreu?
Sarisri: Ya. Awahwi ig miya.	**Sarisri**: Sim, o Awahwi morreu.
Ig miya nikwe kusuvwi mpiya.	Ele morreu, aí então Kusuvwi conseguiu passar.

Ineki keh madikte hiyeg hiyap kuri Kusuvwi kabayntiwa.	É por isso que hoje todos podem ver o Irmão Mais Novo claramente.
Igme gegni pis hiya henenwa.	Enquanto que você quase não vê o Irmão Mais Velho.
Awaku ig aynte gitunrik datka.	Porque ele está bem lá dentro da barriga da Cobra Grande.
Payak igme. Ku payak akak gikamkayh.	Então, o Mahukatye fica lá atrás, junto com o filho.
Kadahan Kusuvwi gikamkayh wade giwntak Mahukatye.	E a filha de Kusuvwi está logo ali, perto de Mahukatye.
Igi Mahukatye ig hiyegiwa. Minikwak ig ay amadga inin.	Muito tempo atrás, o Mahukatye era uma pessoa aqui na terra.
Aynewa ig.	Ele vivia aqui *[e teve um filho]*.
Awaku ig kamaxe pahavu tino. Gihayo.	Porque ele se casou com uma mulher, a esposa dele.

A estação também origina a abundância dos meses que se seguem, e nesse período os ventos associados a Uwakti em grande medida se aquietaram. A senhora Parakwayan, de Kuwikwit, esclarece isso em sua versão da estória:

Parakwayan: Ya ku pihmun han nopsehsa pis, ka buwisa pase awaku ig parawhokwa.	**Parakwayan**: Se sua canoa é pequena, ainda assim você não afunda, porque Kusuvwi está no oceano.
Ig ahakwew parawhokwa ig mpiya hawata.	Ele está nas águas do oceano, ele também está atravessando.
Dig gihmun! Ginawiyad dig akak hiyeg.	Bem carregada a canoa dele! Seu grande barco está cheio de gente.
Ig ka muwaka boboh, ig umehe kamaygviye made.	Ele não querendo ondas, ele mata todo o vento.
David: Pariye hiyeg amadga?	**David**: Quem são as pessoas no barco?

Parakwayan: Made ah gatip. Ah ivatyo.	**Parakwayan**: São todos os espíritos das árvores, árvores que são duras.
Made im. Kunan. Kihiwri.	Todos os peixes. Tucunaré, pirarucu.
Made imbet. Bayag, ig mpiyasa.	Todo tipo de peixe. Aruanãs, Kusuvwi transporta.
Pase ku ig inut. Embe kuri im wagehe.	Quando ele está no alto. Aí então os peixes começam a subir o rio.
Im. Ikar! Ikar!	Peixe. Piaba! Piaba!
Kiyavwiye, nukamayh awna: "Mekavrik ka aynsima ikar kuwis kavusa wagah". Ig awna: "Wagehe im. Ahawkri kuwis wagahkis".	Senhor, meu filho dizia: "Rio abaixo tem muita piaba que começou a subir".[59] Ele dizia: "Os peixes estão subindo, a estação começou".
Kuri ku ig inute kuwis ig padak im.	Então, quando Kusuvwi está lá no alto, ele começa a jogar peixes.
Ig ayta akak. Ig wagahkis.	Ele traz os peixes, faz eles subirem o rio.
Ig amadgatak kuri ig padak im.	Ele está a bordo, dali então ele joga os peixes.
Igkis wagah awaku egnowa nawiy adahan im.	Os peixes sobem o rio porque Kusuvwi é o barco para os peixes.
Ineki keh ig wagahkis.	É por isso que ele faz eles subirem o rio.

A associação desta estação aos peixes foi notada por Claude Lévi-Strauss, que, em *Do mel às cinzas*, nos conta que "na área das Guianas [...] as Plêiades [...] anunciam um suprimento abundante de peixes" (Lévi-Strauss, 1973, p. 263-4), e acrescenta, ainda, que "nos mitos guianenses [...] vimos [...] a conexão entre as Plêiades e o movimento dos peixes rio acima" (Lévi-Strauss, 1973, p. 266).

59 Nadar rio acima.

Assim como a senhora Parakwayan, o senhor Uwet descreve Kusuvwi como o *anag*, ou o *gahawkri* – o espírito-mestre das árvores que crescerão na estação seguinte, incluíndo a árvore morototó e o mururé que produz uma seiva alucinógena,[60] assim como o tabaco e as árvores frutíferas. Nesta versão, Kusuvwi também leva a bordo os espíritos predadores, ou *axtig*.



Figura 26. Senhor Emiliano tirando a seiva do mururé para fins medicinais. Foto: David Green

Uwet: Kusuvwi awna: "Nah tiviknene! Nah waxwevye madikte ah gatip".	**Uwet**: Kusuvwi disse: "Vou seguindo em frente! Estou levando todos os espíritos da floresta".
Egu nawiy kadahan sakeg. No gatip akebi udahan. Mpiya amadgew.	A bordo do barco há o espírito da árvore morototó.[61] Seu espírito é como os nossos espíritos humanos.[62]
Kadahan tawni gatip ku mpiya amadgew.	Há o espírito da árvore mururé também a bordo.

60 Os Arukwayene identificam três variedades da árvore mururé (*Brosimum acutifolium Huber*): *tawni seyno* (branco), *tawni puhiyo* (preto), e *tawni wawyo* (dourado) e as usam para múltiplas fins xamânicos e medicinais. Por exemplo, eles inalam o látex seco como alucinógeno e fazem um chá com a casca para aliviar o reumatismo (Grenand et al 1987).

61 O morototó (*Schefflera morototo*) é uma árvore de elevada toxicidade que produz uma tinta de tom vermelho-vivo. Os Arukwayene usam as sementes vermelhas para colares e diversos fins medicinais.

62 Ou, "como nós somos".

Kadahan kawokwine. Ka aynsima axtig mpiya gumadgew.	Havia as onças, havia um monte de predadores a bordo.
Umuh ka nopsimahad sema ka aynsima axtig.	O barco era enorme, e tinha muitos predadores.
Kadahan arakembet axtig mpiya amadgew.	Todo tipo de predador a bordo.



Figura 27. O senhor João Antônio Felício Waxiyene. Foto: David Green

Em outra estória, o senhor João Felício enfatiza os curadores a bordo de Kusuvwi, um tema que se repetiu em muitas outras narrativas. Ele fala dos pajés por meio da metáfora dos médicos:

João: Ig amekene tivik amadgewa nawiy. Kusuvwi ginawiya.	**João**: Nosso ancestral entrou a bordo do barco de Kusuvwi.
Ka aynsima hiyeg ayge!	Era tanta gente ali!

Ku igkis kanivwiye amadga nawiy.	Os que trabalhavam a bordo do barco.
Ka aynsima mekseh gumadga!	Muitos *médicos*[63] a bordo.
Ka aynsima hiyeg kanumka mekseh. Ka aynsima gumadga.	Muitas pessoas chamadas de *médicos* a bordo.
Awaku eg ihamwi gihmun.	Porque é o barco de um pajé.
Ihamwi hiyevwene ka ganusima adah piyih hiyeg.	O pajé vidente tem grande poder de curar as pessoas.
Ka aynsima ig keh iveyti adah hiyeg.	Ele faz muitos remédios para as pessoas.
Ig makniw hiyeg ka aynsima.	Ele cura muitas pessoas.

A versão do senhor Uwet (narrada em 2008) para o mesmo épico oferece este trecho da estória em grande detalhe, indicando ainda as espécies de peixes e de plantas a bordo do barco de Kusuvwi. Sua narrativa contém também uma constelação em forma de gaivota, e enfatiza o modo pelo qual Kusuvwi navega em círculos e, com ele, muitos dos espíritos-mestres cujos recursos abundarão nos meses de junho e julho.

Uwet: Ya kuri ig Kusuvwi minehwe atere.	**Uwet**: Então o Kusuvwi atracou ali
Ig iwevgi nikweni. Ig katapta aynte giwntak.	Então ele levou o rapaz. O rapaz subiu a bordo, lá em cima, perto dele.
Ig ka muwaka adahan ig misakwa han aburikut.	Ele não queria que o rapaz ficasse ali na popa.
Awaku aburikut ka kabey axtig!	Porque ali na popa tinha muitos monstros!
Kadahan tawni ku ugesni awvre	Tinha a árvore mururé[64] que faz a volta a bordo.
Tawni gutip! Ka aynema ah uges.	O espírito da mururé, não é somente a árvore que faz a viagem a bordo.

63 Termo em kheuol. Curandeiros.

64 Tawni ou tauni (*Brosimum acutifolium Huber*). No Amapá é mais conhecida como a árvore mururé.

Gutip ugeswiye awvre.	É o espírito dela que viaja.
Palikar gutip ugeswiye awvre.	O espírito da árvore *palikar* viaja.[65]
Waxak gutip ugeswiye awvre.	O espírito da árvore *waxak* viaja.[66]
Wadidga gutip ugeswiye awvre.	O espírito da árvore mulatorana viaja.[67]
Irimwi gutip ugeswiye awvre.	O espírito da árvore tauari viaja.[68]
Ukum gutip ugeswiye.	O espírito da árvore sorveira viaja.[69]
Ku pariye ku akak inin. Gavanvuwata ah. Made gavan avewata ah.	Como aqueles que estão aqui, hoje: as árvores, com todas as suas folhas.
Pis hiyak? Egkis ugeswiye amadga nor.	Você entende? Elas viajam a bordo do barco de Kusuvwi.
Ig waneke ka nopsimahad ahrad. Ig ugeswiye gumadga.	Ele as amarra, essas árvores enormes. Ele faz a viagem com elas a bordo.
Ka aynsima! Arakembet axtig ugeswe gumadga!	São muitas! Todo tipo de espírito preda- dor faz a volta a bordo.
Embe ig hiyakni ig usekwe ayteke giwntak.	Então o rapaz observou isso, ele ficou do outro lado, junto do Kusuvwi.
Ig ay. Ig ay gikak. Ig keh ayge hewke tiyegim.	Ele estava ali, estava ali com ele. Ele ficou ali a noite toda.
Ig ayge gimun.	Estava ali com ele.
Hewke nikwe. Puwivak.	Daí, na manha seguinte, à luz do dia.
Hawkanawa ke ininbe.	Bem cedinho, assim.

65 Uma espécie da árvore *Capirona surinamensis*. O nome foi dito em kheuol.

66 Espécie não confirmada.

67 Mulatorana ou pau-mulato *(Capirona surinamensis Bremekamp)*. Os Arukwayene fervem a casca da mulatorana e a usam como tratamento para dores de cabeça.

68 A casca fina da árvore tauari *(Couratari multiflora)* é usada como papel para charuto de tabaco.

69 Sorva ou sorveira *(Couma guianensis)* designa tanto a sorveira quanto seu látex.

Ig awna ta git: “Nex, asa woka udahan nor kiyesrad. Pahow kiyesrad ay. Nah hiyak ku pis mativwe. Ka nahma. Nah kote. Ik adah nah kamax pina hawkri avit nah ax. Heneme nah iveg ku pi mativwe”.	Ele disse a ele: “Neto, vá em frente e abra aquele baú. Ali tem um grande baú. Eu sei que você está com fome. Eu não, ainda não estou. Ainda posso ficar dois dias sem comer. Mas posso ver que você está com fome”.
Ya ig woke eg kiyesrad nikweni. Ig awna: “Pariye inerewa ay?”	Então ele abriu o grande baú, e disse: “O que tem aqui dentro?”
Giwn: “Nuhiw, masar! Piyana kunan ayteke. Iwi piyana kunan masar!”	Ele disse: “Peixe assado, neto! Ali tem dois tucunarés, pegue os dois tucunarés assados!”
Ig ewke ta git Kusuvwi.	Ele os trouxe a Kusuvwi.
Ig ewke payak akak miruk.	Trouxe os peixes num prato.
Ig ahegbete gidahan gimana.	Preparou sua comida.
Ig ahegbete. Ig iwe garap nikweni.	Preparou, retirando as espinhas do peixe.
Ig ahegbetene gimanakis kabayntiwa nikwene.	Então ele preparou muito bem a comida deles.
Ig pitukne garayh. Harayh! Harayh! Harayh!	Ele tirou as tripas. Tchum! Tchum! Tchum!
Ig pitukavye im made.	Ele limpou todo o peixe.
Wakehte nor gamar usekwe avit nor garap.	Até que a pele ficou por cima das espinhas.
Ig ikevgi paha.	Ele lhe deu um peixe.
Kuri igkis axne nikwe. Pisenwa gaxnikis.	Então eles comeram. Aí terminaram de comer.
Ig awna git: “Nex, asa padak wowbi aynte akigbimnatak nawiy”.	Ele lhe disse: “*Neto*, vá lá e jogue fora seus restos, lá da proa do barco!”
Nawiyad kanopsimahad han. Ig muhuk aynte warikwit.	O barco era enorme, era grande assim. Ele desceu lá para baixo.
Avit eg dax ta ahakwat un.	Antes de os restos encostarem na água.

Ig danuh atere nikwe. Ig padak.	Chegou lá e jogou.
Igwata hiya giwbi. Baw! Ig hiya tuboh!	Ele mesmo viu os restos. Tchibum!
Ig hiya kiyapyad kunanad!	Viu um enorme tucunaré!
Ig iveg atere.	Ficou ali olhando.
Ig awna giwn: "Pariyeki ayge?"	**Kusuvwi disse:** "O que é que tem aí?"
Giwn: "Kawa. Nah padeke wowbi atere. Ya kunanad, hayh, sigis han, kunanad. Kiyapyad kunanad!"	**O rapaz disse:** "Não, joguei ali um resto, e apareceu um tucunaré bem à vista! Ele saiu nadando como um grande tucunaré, nessa direção. Um tucunaré enorme!"
"Uya padak paha!"	"Jogue mais um!"
Ig iwi. Ig padak paha akiw.	Ele foi, pegou, jogou mais um.
"Ku pis hiya hawata akiw embe kabay."	"Se você ver isso mais uma vez seria bom."
Ig padak giwbi baw atere. Kabawh! Sigiseyh hawata.	Ele jogou fora seus restos. Tchibum! Ali! Também saiu nadando.
"Ya ba?"	"E o que aconteceu?"
"Hawata nah hiyavrad. Embe nor kunan."	"Vi de novo. E virou um tucunaré."



Figura 28. O peixe tucunaré tem uma "estrela" na cauda. Foto: David Green

"Ku aysaw nah danuh tahanneku. Nah waxwep ta git papayneku. Pome neku *Julye* aharitneku ku pis pes warikmurit adahan kadasa atere, ku pi hiya pahavwi kunanad – kanopsimahad kunanadmin – pis haviswignek."

"Quando eu chegar lá, vou levar você até seu pai. No início de julho, se você sair para o rio para caçar peixe ali, se você ver um tucunaré bem grande, – bem grande mesmo – você atira nele."

"Pis iwasa. Gumin made wohe! Wohe pahapte akak miget! Pis hiyak wowbi. Nor wowbi."

"Você olha para ele, o corpo está todo queimado! Totalmente queimado, como se fosse carvão. Aí você vai saber que são os restos, são os restos de nossa comida."

“Nikwe pi awna git pig. Pi awna: ‘Pa! Nah awna pit. Nor kunan ku pariye wis ax gikak Ahwi Kusuvwi, nah padeke wowbi ta unihkwat, nor kunan. Ig awna nut: -Nor ku pariye aharit *julye* pome kadahan. Nah ka kinetihwa pit amin heneme kuri nah kinetihwa pit amin.’”	Aí você vai dizer a seu pai: “Papai, vou te dizer: esse é o tucunaré que estávamos comendo com o Avô Kusuvwi. Eu joguei os restos na água. É exatamente o mesmo tucunaré. Ele me disse que aqueles são os tucunarés que aparecem no início de julho.[70] Não te disse isso antes, mas agora estou te contando.’”
“Mmahpa hene?”	“Ah, é?”
“Ya. Pi iveg gimin. Tepkarad! Iveg! Tepka masara.”	“É. Veja o corpo dele, está assado! Veja! Está preto porque foi assado.”
Kuri igkis danuh atere nikweni.	Então eles chegam lá.
Kuri igkis sunap umuh ta iwevgi awaku ig ka minahwa ta ihapkat awaku kiyapyad nawiyad! Pis hiyak?	Aí eles pegaram uma canoa emprestada para levá-lo, porque Kusuvwi não podia encostar na beira. Porque o barco dele é enorme! Entende?
Nor ihapka ka imihadma adah minahwa ta ihapkat.	A beira era muito rasa para ele encostar ali.
Igkis sunap umuh gidahan.	Eles emprestaram a canoa da Gaivota.
Nor ku pariye Tumeh kinetihwa amin. Wanawna.	Essa que o Tumeh *[Ixãwet Labontê]* falou, o Wanawna.[71]
Wanawna ta iwevri. Eg iwevgi atere nikwe.	A Gaivota levou ele, então.
Ig danuh atere nikweni.	Aí ele chegou.
Ig kataptase wanawna. Wanawna waxwig ta git gig.	Ele subiu a bordo da Gaivota, a Gaivota o levou para seu pai.
Kuri ig iwe giyamtig.	Então ele pegou seu cesto de pajé.

70 Tucunarés jovens e de cor escura.

71 O senhor Tumeh (Ixãwet Labontê) e sua esposa, a senhora Pupta, foram filmados pouco antes desta entrevista cantando a canção da gaivota.

Awaku ig ugeswe kabahte ke ihamwibe.	Porque ele quase que se tornou um pajé.
Awaku ig msekwe ka aynsima aynte.	Porque ele havia ficado lá por muito tempo.
Ig ugeswe kabahte ke ihamwibe.	Ele havia se transformado quase igual a um pajé.
Kuri ig iwe giyamtig.	Então ele pegou seu cesto de pajé.
Ig katapse giyamtig ta amadga wanawna.	Ele subiu a bordo da Gaivota com seu cesto de pajé.[72]
Wanawna waxwevgi ta git gig. Ig danuh atere ig sarayhgi ta ihapkat.	A Gaivota o levou ao seu pai. Chegou lá, e deixou ele na beira d'água.
Kuri ig amekene ig awna ta git wanawna. Ig awna: "Wanawna, Kibeyne pis waxwe nukamayh atan."	Então ele, nosso ancestral, disse a gaivota: "Gaivota, obrigado por trazer o meu filho até aqui."
Nikwe Wanawna avim inin hawkri ig hiyegte ig!	A gaivota, naquele tempo, era uma pessoa!
Ka kema kurima. Nikwe ig hiyegte. Ig kadahan ka aynsima ganuh.	Não era como é hoje, naquele tempo ele era uma pessoa. Ele tinha a capacidade de fazer maravilhas.
Heme kuri akak inin kuri ig ugeswe kuhivga.	Mas hoje, no presente, ele se tornou um pássaro.
Pitatye ig hiyegiwa ig. Embe henebaki, kiyavwiye.	Antes, ele era uma pessoa. Assim é, senhor.
Igwa ihamwi waxwig tah amadga gihmun. Nopsehsa gihmun. Ig kadahan barewye gihmunisa.	O próprio pajé foi levá-lo até lá em sua canoa. Sua canoa era pequena. Ele tinha uma canoazinha linda.
Amadga ini ig iwevgi. Ig waxwig ta git gig.	Depois disso, ele o levou até seu pai.

72 Nas narrativas palikur, esses seres podem se transformar em múltiplas formas: pessoas (de forma humana, como o dono do barco), animais e aves (como a gaivota) e até objetos (como uma canoa, uma cuia, um barco ou uma estrela). Em muitas narrativas palikur, esses seres são vistos como pessoas de forma humana em suas casas, mas quando vestem mantos mágicos podem tomar múltiplos aspectos.

A ideia de renovação ou rejuvenescimento também é familiar na literatura astronômica da região. A versão do senhor Emiliano desta estória também enfatiza o movimento de Kusuvwi. Nesta discussão, ele enfatiza as águas convoltas do rio celestial nessa parte do céu – um tema ao qual voltaremos mais tarde. O que interessa aqui é a ideia de uma pessoa que mergulha na água com Kusuvwi e atravessa para o outro lado, onde se encontra rejuvenescida. Também é importante o modo como ele fala do modo pelo qual Kusuvwi ancora seu barco *depois de atravessar para o outro lado*.

São muitas as travessias no céu noturno ao longo do ano, e para poder falar delas como eventos previsíveis, é preciso apreender de modo geral as interrelações no céu. Anualmente, diariamente e sazonalmente há múltiplas travessias a se conhecer. O sol atravessa o céu, acima e abaixo de nós, assim como a lua[73] e os planetas. A Via Láctea – o Rio do Mundo – cruza o caminho do sol nos soltícios (ver a Figura 2). O trovejar mencionado por Emiliano quando Kusuvwi arrasta sua âncora é típico dessa estação, durante a qual ruidosas trovoadas acontecem de modo bastante imprevisível. Quando troveja, não é incomum as pessoas olharem para o alto e comentarem: "Lá vai a âncora de Kusuvwi." Para Emiliano, ha dois tipos de trovoada: a âncora do barco de Kusuvwi, e também a chegada dos espíritos-mestres a seus destinos.



Figura 29. A escultura do navio de Kusuvwi. Foto: David Green

73 Embora não haja espaço neste artigo para desenvolver esse argumento, os Arukwayene entendem bem os movimentos da lua, o que lhes permitia prever as marés corretamente quando desciam o rio na longa viagem em direção a Oiapoque; descia-se o rio Uaçá, saía-se ao mar e então se subia o trecho mais baixo do rio Oiapoque.

Emiliano: Igkis kinetihwa amin inin estuwa, ku wis ... ke ininbe wixwiy ay kuri. Wixwiy ku payak akak kiyavunki.

Emiliano: Eles contam essa estória, se nós... como que agora estamos aqui. Nós estamos juntos com o envelhecimento.

Heneme ahawkanek ku Kusuvwi ugeswaneku.

Mas é a estação em que Kusuvwi faz a volta.

Ku aysaw ner awna: "Nah ugeswiye akak Kusuvwi!" Embe ig tivik.

Quando ele diz, "Vou viajar com Kusuvwi!" Daí ele vai.

Kuri aysaw ig danuh ta anavit egu nor tip ku kiney amiyan.

Então, quando ele chega embaixo da rocha onde estão as correntes fortes.

Ka aynsima amiyan ugeswa ayge.

Tem muitos redemoinhos por ali.

Kuri kusvuwi awna git: "Tuboh kurin!"

Então Kusuvwi disse a ele: "Agora pule na água!"

Ku aysaw ig tuboh ig iyaka ta pahambakat.

Quando ele pulou na água, ele emergiu do outro lado.

Nikwe ig wagah amadga Kusuvwi ginawiya.

Aí ele subiu para o barco de Kusuvwi.

Ig humaw takwaye hiyegad.

Ele ficou jovem de novo.

Ku aysaw tino, eg humaw himano.

Aquela que era velha, torna-se moça.

ner tivik msakwa ta givinwat. ner tivik.

Eles vão embora e ficam nas suas casas. Eles vão embora.
[aponta para as direções cardeais].

Heneme amekenegben awna giwnkis, "Ku aysaw Kusuvwi gihiyega ugeswiye gikak. Ku aysaw ig tivikwiye ta givinwat. Ku ig danuh ta givinwat. Ig tima digihwa ta givinwate."

Mas nossos ancestrais disseram estas palavras, "Quando o povo de Kusuvwi dá voltas com ele, quando ele vai para sua casa, quando ele chega em sua casa, ele ouve o trovão vindo de sua casa."

Igkis awna, "Kusuvwi gihiyega kuwis danuh ta givinwatkis."

Dizem que o povo de Kusuvwi já chegou em casa.

Aytohti tiwriktak. Aytohta uvitkiyavritak. Ariw wahamatak. Ariw parawhokwatak. Atere ayge igkis usakwa.	Lá do rio acima *[Sul]*. Lá do oeste. Do Leste. Do oceano *[Norte]*. Lá, onde eles vivem. Eles vão embora e ficam nas suas casas. Eles vão embora.[74]
David: Ba inin ku kiney giyokman?	**David**: Você está falando do lugar onde fica a âncora dele?
Emiliano: Kawa! Igwa Kusuvwi ku aysaw ig hamaw.	**Emiliano**: Não, esse é o próprio Kusuvwi, quando ele reaparece *[a Leste]*.
Igwa kusuvwi ku aysaw ig humaw.	O próprio Kusuvwi, quando ele reaparece.
Ku ig wayk kuwis mataytak.	Quando ele já choveu sem parar.
Takuwa mataytak. Ahewkemni ig humawhe ta pahambakat. Nikwe igwa isahkis giyokman atere.	Amanhã, sem parar. No dia seguinte, ele reaparece do outro lado. Aí ele mesmo deixa a âncora ali.
Kiyapyad digidgiyad ig keh.	Ele troveja bem alto.
Madikte hiyeg awna, "Kuwis kusuvwi minahwa." Nikwe ku aysaw ig kusuvwi humaw. Ig padak giyokman.	Todo mundo diz, "Kusuvwi já encostou." Então, é quando Kusuvwi aparece. Ele lança sua âncora.
Ku aysaw ig humaw pahambakat. Ig padakwa ada kahadmakama nawiy msakwa. Kim! Pahambakatak!	Quando ele reaparece do outro lado. Ele joga a âncora para o barco ficar parado. Fixo! Do outro lado.
Nikwe ig kiyokmin ginawiya.	Então ele ancora o barco.
Kuri ayteke nikwe ig awna gitkis madikte neras hiyeg ku pariye ugeswiye ukak.	Aí, depois, ele fala com todas as pessoas que dão a volta com ele.
Kuri igkis tivik.	Aí elas saem.
Ig awna gitkis, "Tiviknabay pivinwat!"	Ele diz a elas, "Por favor, vão para casa!"
ner tivik givinwate. ner tivik givinwate. Adahan danuh.	Esse vai pra casa dele, aquele vai pra casa dele, para chegar.

74 Isto é, quando se ouve o trovão vindo dessas direções, sabe-se que eles chegaram nas suas casas.

Ku aysaw igkisme amekenegben ay amadga inin maywak hawata igkis tima digidgiye aynte tiwrikutak. Nor uvitkiyariktak. Han mekavrikut. Han wahamarikut.

Quando nossos ancestrais estavam nesta terra, eles também ouviam o trovão lá longe, rio acima. Aquele trovão a Oeste. Nessa direção, rio abaixo *[Norte]*. Para esse lado, a Leste.

Amekenegben awna giwn: "Kusuvwi kuwis ugeswe kuwis. Kuri gihiyegavu tivikwiyes adahan danuh ta givinwatkis."

Nossos ancestrais falavam assim: "Kusuvwi já deu a volta. Agora sua gente está partindo para chegar a suas casas."

Inere kuri igkis iha.

Então é nisso que eles acreditavam.

Humaw digidgiye ayhtohte.

Trovoada para lá.

Humaw digidgiye ayteke. Humaw digidgiye aytekempa.

Trovoada para cá. Trovoada para esse lado. Trovoada para o outro lado.

Awaku igkis ugeswiye akak Kusuvwi.

Porque eles davam voltas com Kusuvwi.

Neras ku pariye ugeswiye akak Kusuvwi kuri.

Agora, esses que davam voltas com Kusuvwi.

Igkis awna giwn: "Igkis humaw takwaye akiw. Tino humaw himano. Awayg kiyaparivye amakanohkwa. Embe ku avim inin ig takwaye akiw. Awaku ig ugeswe akak Kusuvwi kuwis."

Eles dizem: "Eles reaparecem rejuvenescidos. As mulheres se tornam moças, o homem que ontem era velho, bem, hoje ele é jovem de novo. Porque ele deu voltas com Kusuvwi."

David: Mmahki inin kiyavwiye?

David: Por que é assim, senhor?

Emiliano: Nah ka pukuhpa inin. Nah ka hiyak. Heneme estuwa gidahankis amekenegben igkis awna amin inakni.

Emiliano: Eu não entendo isso. *[Dá risada]*. Não sei, mas a estória de nossos ancestrais fala isso.

Ku akak inin kuri ka ik adah nah kinetihwa pit: "Han akiw. Han akiw".

No tempo presente, agora, eu não posso dizer: "Era assim, ou era assado".

Kawa! Nah kinetihwa ku samah igkis kinetihwa amin.

Não! Estou te dizendo como eles falam dele.

Heneme ku aysaw wixwiy kinetihwa nawenyewa hiyakemniki amin inere nutuhbe ka tuguh akak amekenegben gidahankis.

Mas se falarmos um entendimento diferente dessa estória, acho que não vai coincidir com a de nossos ancestrais.

Ininewa estuwa ugeska gikak Kusuvwi.	É essa a estória das voltas com Kusuvwi.
Hene amekenegben kinetihwa amin.	É assim que nossos ancestrais falavam dela.

Para Sarisri, o som da âncora de Kusuvwi marca o início da estação de abertura de roças

David: Kusuvwi giyokman?	**David**: E a âncora de Kusuvwi?[75]
Sarisri: Giyokman? Ihi. Kusuvwi ku ig tivik kuwis.	**Sarisri**: A âncora? Sim, quando Kusuvwi já se foi.
Kuri pis tima digidgiye wahamatak. Kuwis ig iki giyokman.	Então você ouve o trovão vindo do Leste. Ele já ancorou.
Giyokman kuwis ayteke. Ig kuwis hamah. Pahambakat.	Ele encostou do outro lado. Ele já saiu a Leste. Do outro lado.
Nikwe ig digidgiye hawata.	Então Kusuvwi também troveja.
Ig keh digidgiye kiyhaw.	Ele faz trovões e raios poderosos.
Ba seis horas ig iki hawkanawa. Digidgiye.	Por volta das seis horas da manhã, ele troveja.
Nikwe made hiyeg awna: "Kusuvwi kuwis hamah pahambakat. Kuri yuma muwok akiw."	Então todos dizem: "Kusuvwi já chegou do outro lado. Agora não vai mais chover."
Kuri danuh ahawkanavrik wasawka.	Agora vem a estação de abrir roças.
"Ya ba ta uwasewka."	"Vamos abrir nossas roças."
Nikwe ka aynsima hiyeg ku wasawka kuwis.	Então muitas pessoas já começam a abrir suas roças.
Hene igkis kanum inere Kusuvwi.	Isso é o que eles chamam de estação de Kusuvwi.

75 2003-JUL-t22-davi-rainstars2.doc

Para que Kusuvwi possa passar e então ancorar, contudo, Awahwi, a Cobra Grande, tem de ser morto pelo Irmão Mais Novo, situado nas Plêiades. O piloto Sem Coxa, Mahukatye, guia o barco conforme ele gira – um momento importante na narrativa, uma vez que entre maio e junho há uma rotação perceptível na direção da Via Láctea.

Pupta: Avanenekwa ig huwitene nawiy!	**Pupta**: Ele está sempre guiando o barco![76]
Avanenekwa ig uges han.	Ele sempre gira desse jeito.
Pes ayteke atan	Ele vem aqui fora, do outro lado.
Adukwnewa ig huwitene aburik nawiy. Ayge ig.	Está sempre guiando, na popa do barco, está ali.
Lesley: Ke motoristabe?	**Lesley**: Como um *motorista*?
Pupta: Ihi. Kuri pis hiyak. Hene ganivwi.	**Pupta**: Sim, agora você entende. Era esse o trabalho dele.

A dura história de vida de Mahukatye na terra é o tema de uma detalhada narrativa que não cabe neste espaço, mas que é uma das mais disseminadas na mitologia amazônica.[77] Uma versão curta é contada por Ixãwet.

Ixãwet: Ner Mahukatye.	**Ixãwet**: O Mahukatye, o Sem Coxa.[78]
Negnewa. Awaku igkis pituke gihuw.	É ele mesmo. Porque seus cunhados arrancaram sua perna pela coxa.
Awaku ig wagehpiye han. Kuri ig havise yakot tah.	Porque Mahukatye começou a subir para o céu, para onde ele havia atirado flechas.[79]

76 2003-JUL-t16x-Ixãwet-star-songs2.doc

77 2003-JUL-t22-davi-rainstars2.doc

78 2003_JUL-xx_Ixãwet-stars.doc

79 Há versões mais longas que dizem que o Mahukatye matou sua esposa e enganou seus afins, fazendo-os a comerem, e então fugiu para o céu atirando e emendando uma série de flechas de modo a construir uma escada.

Kuri igkis ganigvig sumuhe gibagwanmi-nat adah putuk inere	Então os cunhados agarraram sua perna para arrancá-la.
ner ku Mahukatye biyuke.	Foi essa perna que Mahukatye perdeu.
Kuri ig ay aynte inut giburik Kusuvwi. Giburik Kusuvwi ig msakwa.	Agora ele está lá em cima, na popa do barco de Kusuvwi. Ele fica ali na popa.

Esse é um dos dramas mais familiares aos acadêmicos que estudam a região, embora as personagens possam ter nomes diferentes. De todas as *dramatis personae* nas narrativas ao longo do Urucauá, contudo, é Awahwi que emerge como o predador cósmico que foi vencido, e cuja derrota permitiu que o mundo volte em direção a Kayeb, que é a origem da chuva no solstício de dezembro.[80] Referências à importância dessa parte do céu são abundantes na literatura ameríndia, embora nenhuma que diga respeito às *terras baixas* da América do Sul se refira ao encontro do Caminho do Sol como Rio do Mundo – o encontro do caminho do sol no céu (chamado em astronomia de elíptica) com a região que concentra mais estrelas na Via Láctea (que os astrônomos dizem ser seu plano galáctico).[81]

A batalha com Awahwi é sugerida por Lévi-Strauss, que observa que "segundo os Kali'na, havia duas constelações sucessivas das Plêiades. A primeira foi engolida por uma cobra. Outra cobra persegue a segunda constelação e emerge a leste quando a constelação está se pondo a oeste. O tempo irá acabar quando a cobra alcançar essa constelação" (Lévi-Strauss 1973: 269).[82] Essas estórias parecem, portanto, ser regionais, e a similaridade dos relatos Kali'na (Karib) e Palikur (Arawak) indica que essa astronomia não está limitada a fronteiras culturais.

Esse argumento é reforçado na seguinte entrevista com o senhor Uwet, que fala das danças executadas nessa época do ano nas aldeias Galibi-Marworno da região (Vidal 2007:13). Ele as aprendeu com seu avô, Guillaume ou Buyomin, que nasceu no rio Arukwa. O senhor Buyomin era um *ihamwi* (pajé) que vivia na Ilha Mawihgi quando Curt Nimuendajú realizou pesquisas na região no início dos anos 1920. Buyomin, contudo, passou algum tempo trabalhando na Guiana

80 Observe-se que, embora este drama se passe no meio do ano e no centro do céu, Awahwi nasce ao fim de março, no meio da estação chuvosa. Kusuvwi, o Irmão Mais Novo, é considerado o herói do épico.

81 A descrição de Gary Urton (1981) dessa estrutura astronômica nos Andes é a mais próxima desse relato.

82 Lévi-Strauss também explora narrativas sobre a origem das Plêiades em *O Cru e o Cozido* (1969:216-227; 241-245), mas estas narrativas têm pouca ressonância com aquelas do Rio Urucauá.

Francesa. Ele manteve relações suficientemente fortes com pessoas de outros rios para aprender as músicas das festas em kheuol (patoá) e convidar seus pajés a visitá-lo em Mawihgi.



Figura 30. Senhor Uwet com sua escultura de Awahwi. Foto: David Green

Uwet: ner igkis kanum Awahwi.

Awaku ig kadahan mpana gitew. Paha gitew. Paha gitew. Paha gitew.

Igi Awahwi igkis kanumgi ... awaku ner datka ... igkis kanumgi Hawkri Gahawkri. Awahwi.

Negku datka igkis kanum Awahwi. Igkis kanumgi hawata Wakayune. Wakayune ig. Wakar Gahawkri.

Uwet: Esse, chamam ele de Awahwi. [83]

Porque ele tem três cabeças. Uma cabeça, uma cabeça, uma cabeça *[apontando para as cabeças na escultura].*

Chamam ele de Awahwi... porque essa Cobra Grande... chamam ele de Avô do Mundo. Awahwi.

Essa Cobra Grande eles chamam de Awah-
-wi. Chamam também de pessoa-garça. Ele é uma gente-garça. O Avô das Garças.

83 2005-DEC-txx-uwet-awahwi.doc

Fazer uma escultura em madeira de Awahwi foi muito prazeroso para Uwet, pois, como ele explica, seu avô Buyomin havia entalhado a mesma Cobra Grande de três cabeças na forma de um banco para a dança anual do Turé. Assim como outras cobras grandes celestes, Awahwi é uma criatura anfíbia capaz de ingerir corpos inteiros. Em tempos passados, o encontro com Awahwi era ocasião de um importante festival anual. Isso se confirma nas notas de campo feitas por David Green em julho de 2008:

Kusuvwi Velho é engolido por Awahwi. Ambas constelações estão "avigku warik Avatakni Hawkri", i. é., no rio [a Via Láctea], no encontro dos mundos[84]. Awahwi é morto por Kusuvwi Novo, mas o corpo de Awahwi não apodrece – uma das razões pelas quais ele ainda é visível.

Awahwi é uma imensa anaconda. *Amekenegben awna "Awahwi gayesri mataka hawkri*": os ancestrais dizem, "Awahwi tem o tamanho do mundo". Um pajé invoca o espírito de Awahwi fazendo sua imagem num banco de madeira, "*gahehpak epti*", para que Awahwi entre. Ele diz: "*Batamnika adahan inere epti.*" "É a canção de sentar desse banco."



Figura 31. A gaivota *wanawna (Larus sp.)*

84 Nas narrativas cosmológicas ocorre a expressão *hawkri avatakni*, que se refere ao ponto de contato entre mundos, geralmente visto na língua palikur como o horizonte e, às vezes, a Via Láctea. *Hawkri avatakni* pode ainda ser visto como a "emenda" do mundo. O senhor Emiliano Iaparrá explicou isso usando uma panela de alumínio, e apontando à emenda no lado curvado. "É assim!" Nas narrativas sobre o gavião *kakuw*, existe uma passagem entre os mundos nos céus. O *kakuw* leva uma ancestral até uma passagem ou um portal chamada Kiriki ou Had. O Kiriki é uma passagem entre os mundos que se fecha e abre continuamente com uma engrenagem dentada como a boca do jacaré-açu. Nessa narrativa uma ancestral precisa aguardar o momento certo, quando está bem aberto, para atravessar e entrar no Inurik, o mundo superior.

A constelação menor no drama de Kusuvwi é a da Gaivota, que tem em muitas estórias um papel pequeno, mas importante. Como explica o relato de João Felício:

David: Wanawna pahamku *[Kusuvwi]* ginawiya.	**David**: A Gaivota é um barco do *[Kusuvwi]*? É verdade isso?[85]
João: Ihi. Wanawna eg. Igwa ihamwi kinetihwa gumin ku egu nopsesa umuhisa.	**João**: Sim. A Gaivota é. O próprio pajé falava dela, que ela era uma canoa bem pequenininha.
Ku samah egu tuboh unihkwat. Taboh!	Por causa do jeito que ela cai na água. Tchibum!
Nor gutew pakiwkig. Guhanpi pakiwkig.	A cabeça dela se achata. As asas se achatam. *[João mostra como o pássaro se transforma numa canoa]*
Igkis awna: "Nawiy! Kusuvwi gixallopa!" Kanumka.	Dizem: "Um barco! O bote de Kusuvwi!" Assim ela é chamada.
Kusuvwi ginawiya nopsehsa inere adah waxwene hiyeg amadgat ta ihapka. Egu wanawna.	O pequeno bote de Kusuvwi que leva as pessoas a bordo até a beira. É ela, a gaivota.
Kuri ku akak inin nor wanawna ku amarapnano ay.	Agora, essas gaivotas que voam por aqui.
Ka aynsima parawhokew akak inin.	São tantas, estão no oceano, agora.
David: Ba minikwak kadahan kayka amin Wanawna?	David: Antigamente, havia uma dança sobre a gaivota?
João: Igkis ka kay amin nor. Heneme igkis paksig.	João: Não, não dançavam sobre a gaivota, mas cantavam uma canção sobre ela.
Igkis paksig ku samah Wanawna ku samah eg Kusuvwi gihmun nopsehsanye adah waxwene hiyeg ta ihapkat.	Cantavam sobre como a gaivota era o pe-queno barco de Kusuvwi que transpor-tava as pessoas à beira.

85 2008-JUL-t06b-joao-wanawna.doc

Igkis kanum guw. Igkis paksig.	Chamavam seu nome. Cantavam o nome.
David: Hawata ku aysaw ig danuh pis awna ig ka hiya givin. Ku aysaw ig 'pisou na terra' ig hiya ahin.	David: Você disse que quando ele chegou, ele não viu a casa dele. Que quando ele "pisou no chão" é que ele viu o caminho.
João: Ya. Ig amekene.	**João:** Sim, ele, o nosso ancestral.
Ku aysaw ig danuh ihapkat, ig ka hiyak givinekut.	Quando ele chegou à beira, ele não viu o caminho para casa.
Ig aya neras ku giwaxwetni atere. Amadga wanawna. Nopsehsa nawiyesa.	Ele perguntou àqueles que o traziam até a-li, a bordo da gaivota, do barco pequenino.
"Kineyki niguh givin ay?"	"Onde está a casa do meu pai?"
Ig awna giwn: "Pig givin nor ay."	Ele disse: "A casa do seu pai é aquela ali."
"Mmahki nah ka hiya?"	"Por que eu não consigo vê-la?"
Ig awna: "Asa subuh amadga wayk!"	Ele disse: "Vá em frente e pise no chão!"
Ig puwah ta ihapkat.	Ele remou até a beira.
Nopsesa nawiy. Wanawna nopsesa.	Um pequeno barco, uma pequena gaivota.
Ig danuh aynte ihapka.	Ele chegou até a beira.
"Asa subuh ta warikwit!"	"Vá em frente e pise no chão!"
Ig subuhwa. Pahaye ig hiya ahin tarahad.	Ele desceu, e de repente, viu um caminho se estender adiante.
Ig hiya gig givin kenesa.	Ele viu a casa do pai dele ali perto.

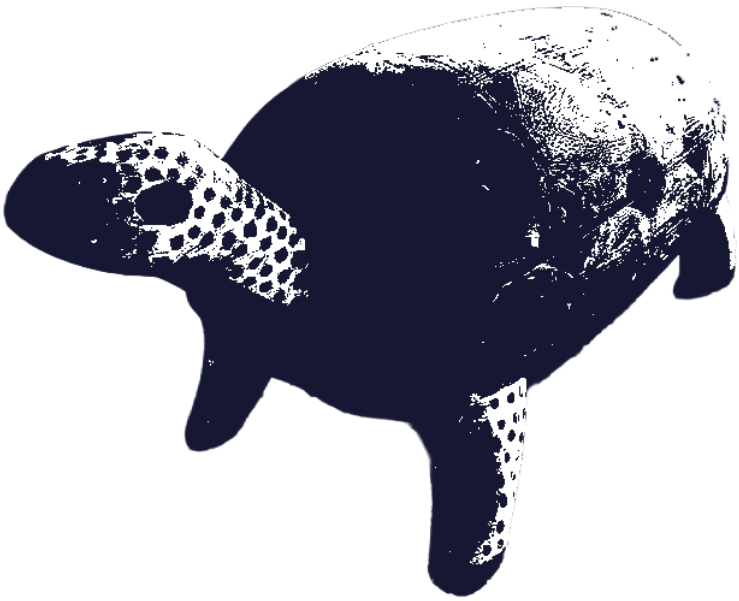


Figura 32. A escultura de Wayam, a constelação da quinta chuva.

A Quinta Chuva: Wayam, o Jabuti e o início da estação seca (julho-agosto)

Wayam, o Jabuti travesso, pode ser vista sob sua palmeira de tucumã durante a seca. A chuva de Wayam é leve, "pois Wayam só consegue segurar um pouco de água", e tende a ser acompanhada por estrondos distantes que soam como um jabuti se arrastando lentamente por um caminho. Ironicamente, essa *trickster* foi a personagem mais difícil de identificar. Em 2005, dois homens da ilha Amomni identificaram Cassiopeia como Wayam, mas Cassiopeia está visível ao amanhecer em outubro, situando-se no horizonte no extremo norte da Via Láctea, e ninguém mais confirmava se tratar de Wayam.

Quando David partiu do campo em julho de 2008, ao início da estação seca, Wayam não estava visível no céu matutino. Com muita hesitação, o senhor Uwet finalmente identificou Wayam como uma combinação das constelações Vela e Carina, olhando para a tela do programa Starry Night Pro num computador portátil. Ainda assim, Uwet não enxerga muito bem, e a tradução entre a tela plana e a abóbada do céu noturno é sempre difícil. Se o senhor Uwet estiver certo, a cabeça de Wayam situa-se no espaço entre as estrelas Omicron Velorum e Delta Velorum, a pata esquerda está próxima a Kappa Velorum e sua pata direita, próxima à estrela chamada Avior. Estrelas menores, ligeiramente mais

baixas que as patas, marcam a presença do corpo de Wayam. Próximo a ela há duas estrelas que representam *waratwi* (palmeiras de tucumã), cujos cocos são muito apreciados pelos jabutis. Quando a constelação aparece a sudeste, a estrela situada acima da cabeça de Wayam é Gamma Velorum, e a estrela situada sob ele é Miaplacidus.

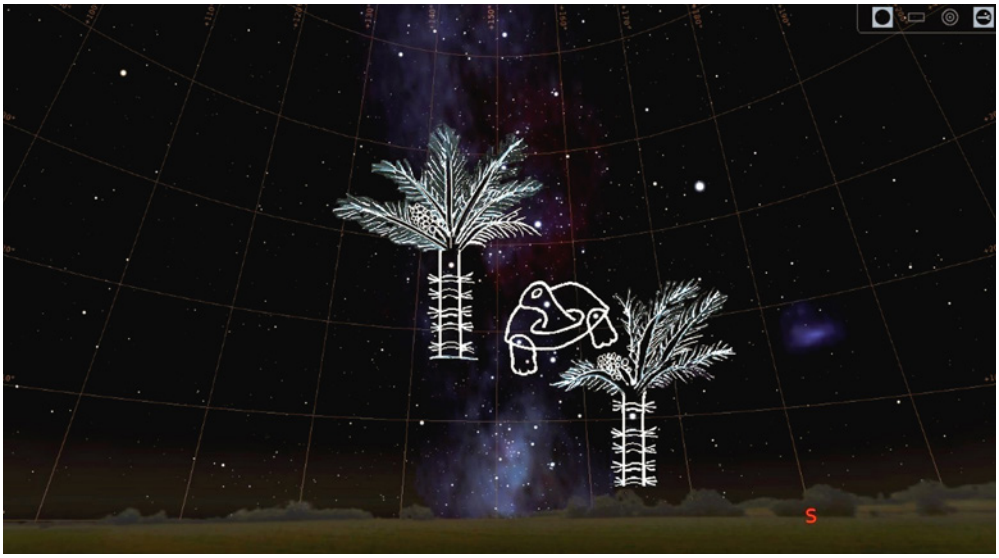


Figura 33. Wayam: a constelação do Jabuti junto com as tucumãs. Desenho: David Green [em Stellarium]

No entanto, esta constelação só surge a sudeste em setembro e outubro, um ou dois meses após o período sugerido pelas narrativas orais tradicionais do aparecimento de Wayam. Se, de fato, o senhor Uwet estava ligeiramente enganado em suas identificações, é possível que as estrelas brilhantes de Sirius e Canopus sejam a palmeira de tucumã ao lado de Wayam, o que coincidiria com a tradução oral e os princípios que estamos propondo para a astronomia no Urucauá.

Parece que, diferentemente das constelações de jabuti observadas por Fabian na região de Corvus (Fabian 1992: 135), Wayam e sua palmeira se elevam bem ao sul do céu oriental. Estando tão ao sul, elas se movem mais lentamente que as estrelas que estão no centro do céu. O Jabuti e sua palmeira marcam o caminho da Via Láctea numa região do braço galáctico que não é tão brilhante, por isso elas têm um papel importante na marcação do curso do Rio do Mundo num momento em que este último dá uma volta. Elas também sinalizam o ponto no céu no qual, em fins de outubro, a mão de Kayeb (a Cruz ou Cruzeiro do Sul) reaparece, após ter ido para o fundo buscar o Jabuti.

A observação de Wayam torna claro que todas as constelações mais importantes estão no Rio do Mundo, com exceção de Uwakti (situada em Pégaso), embora se possa argumentar que Uwakti marca um ponto médio entre o Rio do Mundo e o Caminho do Sol.

Existem dezenas de contos sobre a astúcia de Wayam, muitas delas, certamente, estórias do oeste africano que chegaram a esta região desde que os primeiros escravos africanos chegaram no início do século XVII, e pelos poucos escravos fugitivos que encontraram um lar em famílias Palikur-Arukwayene. Apesar da popularidade das estórias de Wayam – quase sempre irreverentes – não há muitas estórias sobre o Wayam estelar. Os comentários nas narrativas se concentram principalmente nas mudanças sazonais associadas a Wayam, particularmente no fato de a Wayam ser a última chuva do ano.

Ixãwet: Egme Wayam butityo.	**Ixãwet**: Wayam, o Jabuti, vem por último.[86]
Wayam ku wasewkaneku.	Wayam é no tempo de limpar as roças.
Ku was made ihukwaki. Kuri Wayam metakwa wayk.	Quando as roças são todas limpas. Aí Wayam finalmente chove.
Kuri wayk amadga woharit. Amadga ini avew. Wayam.	Então, chove quando estamos preparando as roças para a queimada. Nesse período, Wayam está lá em cima.
Eg yuma muwok akiw. Amaksemni wayam.	Depois dela não há mais chuva. Wayam é a última.
Emiliano: Wayam eg hawata.	**Emiliano**: Wayam, ela também.[87]
Wayam hawata wayk aharit agosto. Wayam wayk.	Wayam também chove em agosto, Wayam chove.
Heneme ka ariknawnama. Ka kadahan estuwa gudahan kiyesrad.	Mas não é grande coisa. Ela não tem uma estória grande.
Ininewa ku aysaw eg wayk.	Só quando ela chove.

86 2003_JUL-xx_Ixãwet-stars.doc

87 2008-JUL-t03b-emiliano-spirits3.doc

Amekenegben awna ku aysaw eg wayk eg digihwa.	Nossos anciões diziam que, quando ela chove, ela troveja.
"Mmaki eg digihwa ay?"	"Por quê ela troveja aqui?"
Igkis awna: "Bawkata egu wayweyh. Inakni: Dara! Dara! Dara!"	Eles dizem: "Porque ela está caminhando. Assim: tará, tará, tará!"
Wayam waykno. Wayam digihwa ka aynsima!	Wayam chove. Wayam troveja muito!
Ininewa estuwa gudahan wayam inere.	Essa é toda a estória que há sobre Wayam.
David: Nah tima hawata ku aysaw igkis uges wayam. Ku aysaw pis tima digidgiye. Ba ik adah pis awna amin?	**David**: Também ouvi dizer que quando eles viram Wayam sobre o casco, é quando você ouve o trovão. Você pode falar sobre isso?
Emiliano: Amekenegben awna giwnkis: "Ku aysaw wayam wayk. Eg ewk muwok hawata. Wayk pahay hawkri. Heme eg ewk digidgiye ka aynsima!"	**Emiliano**: Nossos ancestrais dizem: "Quando Wayam chove, ela também traz chuva. Ela chove por um dia. Mas ela traz muita trovoada!"
"Mmahki?	"Por quê?"
Nah aya kiyavwiyegben: "Mmahki eg ewk digidgiye ka aynsima? Mmah eg digidgiye gahawkri?"	Perguntei aos ancestrais: "Por que ela traz tanta trovoada? Ela é a Avó de Todos os Trovões?"
"Kawa!" igkis awna, "Kawa."	"Não!" dizem eles, "não."
Ku aysaw eg wew. Wew! Wew! Dara! Dara!	Quando ela caminha, caminha, caminha! Tará! Tará!
Inere kuri digihwa ka aynsima. Bawkata eg wayweyh. Eg tivikwiye adah ugeswiye.	Que então, ela troveja muito! Mas ela está caminhando. Ela vai seguindo para poder dar a volta.
Inere estuwa gudahan wayam.	Essa é a estória de Wayam.

O senhor Uwet descreve Wayam e seu trovão:[88]

Aharit julho kuri aytwe Wayam.	Por volta de julho, é quando Wayam chega.
Wayamme. Wayamme hiyara.	É a estação de Wayam. Wayam dá risada.
Wayam kadahan warukma hawata.	Wayam também tem estrelas.
Wayam kadahan pikatna waratwi.	Wayam tem duas palmeiras de tucumã.
Pahat waratwi aytekene. Pahat waratwi buttak. Gumana.	Uma palmeira de tucumã à frente, uma palmeira de tucumã atrás. Sua comida.
Kuri ku aysaw eg wayk. Eg waykse muwok.	Então ela chove. Ela traz chuva à terra.
Eg hiyara. Eg hiyara ka aynsima.	Ela ri. Ela ri muito.
Eg keh, "Hah, hah, hah!"	Ela faz "Ha, ha, ha!"
"Nah keh mayg. Ka aynsima mayg nah keh!"	"Eu faço ventar! Faço ventar muito!"
"Nah keh digidgiye!"	"Eu faço trovoar!"
Embe henewa.	É verdade.
Ku aysaw eg wayk. Eg wayk. Eg wayk.	Então ela chove, chove, chove.
Eg keh uguhguh kariy peh!	Ela faz raios atravessarem as savanas!
Digidgiye. Kiyapyad digidgiyad, Doh!	Trovões, grandes trovões. Bum!
Nahawkri Buyomin awna: "Wayam pitukwiyo."	Meu avô Buyomin dizia: "O Jabuti está se pondo" *[Uwet faz um gesto como se o Jabuti estivesse se virando sobre as costas ou de cabeça por baixo]*.[89]
Ba pis tima guman?	Já ouviu o som dela?

88 2003-Jul-t12b-uwet-seasons-stars2-revised

89 *Pitukwiyo* é um termo complexo, mais usado para o pôr-do-sol, com o sentido de "perfurar" o horizonte.

Gumar. Gumar. Ku samah eg ugeswene. Gumar ta avit tip.	O casco, o casco dela. O casco dela sobre uma pedra, quando ela dá a volta.
Guman gumar avit tip.	É o barulho do casco dela na pedra.
Embe nikwe abet inin kayg, eg kanyo.	Então, nesse mês, ela põe ovos.
He ku aysaw pisenwa was ahukwak.	Até que as roças tenham sido limpas.
Eg kaba mbayha was ahukwak akak muwok.	Ela quase arruina o período de limpar as roças com a chuva.
Atere no waykad made setembro.	Ela chove até setembro.
Aharit outubroneku	Por volta de outubro.
Gudahan arawka.	Sua estação de chuva começa a secar.
Atere! Barewye estuwa in.	Termina assim. É uma estória linda.

Sarisri estabelece uma ligação entre o Wayam estelar e o *trickster* terrestre:

Lesley: Kabet Wayam?	**Lesley**: Quando é Wayam?[90]
Sarisri: Wayam kuwewanek aharit nutuhbe Julho.	**Sarisri**: Wayam é mais tarde, acho, por volta de julho.
Wayam wayk, wayk aritnanyum. Aritnanyum ig wayk.	Wayam chove, chove pouco a pouco. Ele chove pouco.
Ik adah hiyeg kaba ka ik adahan keh was awaku Wayam.	É possível que a gente quase não consegue fazer roças por causa de Wayam.
David: Ba digidgiye?	**David**: E raios?
Sarisri: Ya. Inyerwa Wayam keh hene.	**Sarisri**. Sim, é verdade, Wayam faz raios.
Ba pis hiyak digidgiye ku akak inin?	Você viu os raios, agora?
Wayam ganip.	É Wayam que faz travessuras.

90 2003-JUL-t22-davi-rainstars2.doc

Mpuse danuh avim inin kayg julho. Ka aynsima digidgiye. Ka aynsima muwok heme ka iki un.	Sempre que chega o mês de julho, há muitos raios. Muita chuva que ameaça, mas não dá água.
Kuri adah makere un made.	Agora toda a água começa a secar.
Ka avayvu. Hene Wayam gudahan.	Não ajuda a encher.[91] É assim que são as chuvas de Wayam.

A longa estação seca é caracterizada por um céu escuro ao amanhecer. O Rio do Mundo (a Via Láctea) não surgirá no horizonte oriental pela manhã até que Kayeb apareça outra vez, ao final de dezembro. Nesse período, Wayam cruza pesadamente o eixo austral do céu – ao longo do qual o Cruzeiro do Sul (Crux) reaparecerá ao final de outubro – a cerca de 60º.

O senhor Uwakti Eli Labontê Kawakukyene, que ganhou o nome da constelação Uwakti, o explicou assim:[92]

Uwakti: Kuwewanek Wayam uges ayteke.	**Uwakti**: Depois, Wayam surge do outro lado *[Leste]*.
Pis hiyak mmahki wayam tivikwiye? Han manuke eg.	Você sabe como a Wayam vai embora? Ela atravessa nessa direção. *[Uwakti aponta para o oeste]*.
Eg keh digidgiye	Ela troveja.
Keh uguhne. Keh tut arikna. Muhuke. Tivik.	Ela faz raios, faz todo tipo de raio. Ela atravessa. Ela vai embora.
Eg pes. Eg uges. Kuwis eg ahegbet ayteke. Eg ta yamamna digiswaki. Eg kahayak kuwis.	Ela sai, ela faz uma volta. Ela já está do outro lado. Ela canta para chamar a inundação. Ela fica visível de novo.
Eg keh novena digiswavye.	Ela faz essa inundação[93].

91 Ou: "*ka aravusima*", "fica muito seco".

92 2003-Jul-01x-Uwakti-Stars.doc.

93 As últimas chuvas antes do começo da estação seca.

Digis kabay. Eg araw.	Inunda bastante[94]. Ela seca. Aí Wayam
Nikwene eg kahayak.	fica visível.

Aqui, seu relato se desloca para mencionar ainda outra constelação, a Arara, associado a Kayeb, o que sugere que muitas outras constelações têm papéis menores nesse tipo de relato. Isto estaria em consonância com o repertório de constelações observado por Jara (2005), Magaña (2005) e S. Hugh-Jones (1982).



Figura 34. Senhor Balaweh Labontê Kawakukyene canta sobre o Jabuti *Wayam*. Foto: David Green

O relato do senhor Balaweh enfoca a palavra correspondente a "Wayam" na linguagem de respeito dos mais velhos, ou *kiyavunka*: Tuwatyo. Em relato gravado em Kumenê em 2003, ele ensinou com humor reverente um grupo de mulheres e de homens a cantarem a canção de Wayam. Observe-se que o senhor Balaweh toma a referência à constelação como algo implícita, mas a plateia, que está ralando mandioca com ele, claramente não tem familiaridade com a canção nem com a dança.

94 Ou: "chove bastante".

Balaweh: Iveg kuri! Nah pak pahatwowa avat!	**Balaweh**: Prestem atenção! Vou cantar uma canção! [95]
Amadga inin. Gidahan tah minikwak!	Sobre isso. De muito tempo atrás!
Nor Tuwatyo!	Aquela, Tuwatyo!
Ba pis hiyak ku Tuwatyo yis made ay?	Todos vocês sabem quem é Tuwatyo?
Pis hiyak eg Tuwatyo?	Vocês a conhecem, Tuwatyo? *[pergunta aos homens]*
Madikte noras hiyak Tuwatyo.	Todas elas conhecem Tuwatyo. *[aponta para as mulheres]*
Made ba pis hiyak Tuwatyo?	Todas vocês, vocês sabem quem é Tuwatyo? *[pergunta às mulheres]*
Mmah? Pariye? Asa awna. Pis awna Wayam.	O quê? Vamos, digam! *[risada]*. Vocês deviam dizer, Wayam.
Pariye Tuwatyo?!	O que é Tuwatyo?!
Pahavwi awayg: -Wayam?	**Um homem:** "Wayam?"
Balaweh: Ihi.	**Balaweh:** Sim.
Egu Tuwatyo eg misakwa ahavriku.	Ela, Tuwatyo, vive no fundo da floresta.
Egwa misakwa *[huwigi?]*.	Ela vive *[se arrastando pelo chão da floresta]*.
Pariye gumana ay? Kuwewa egu ugesye.	Qual é sua comida? Mais tarde ela vai fazer a volta.
Ihi. Pikatna akebyi. Kahambar akak waratwi.	Sim, há duas delas. O tape-rebá e o tucumã.
Kuwewa ugeswe.	Mais tarde, elas vão aparecer.
Egu kewyo Tuwatyo.	Ela é chamada de Tuwatyo.
Tuwatavyo eg.	Ela é lenta.

95 2003-JUL-t03-balaweh-kwakhut.doc

Kuri ner ukebyi ayepkere gavan ku samah eg ugeswe.	Então, ele, nosso parente David, pediu a canção de quando ela dá a volta.
Pis timapni? Ba hene?	Vocês já a ouviram? É verdade? *[aponta para os homens]*
Pis? Ya pis? Yuma pahatnama?	Você? E você? Nenhum de vocês?
Pis tima? Yuma kiyavunogben tima?	Vocês já ouviram? Nenhuma das mulhe- res já ouviu?
Kuri uyay pak payak. Biyukni payak: -Nahah po iwah. Nah poh iwah.	Então, vamos cantar todos juntos: *Nahah po iwah. Nah* *poh iwah.*[96]
Wayama kaptenayh. Wayama kaptenayh.	*Eu, Wayam, sou a Capitã. Eu Wayam,* *sou a Capitã.*
Kah ih pah ayhwo. Kah ih pah ayhwo.. *[...]*	*Kah ih pah ayhwo.* *Kah ih pah ayhwo.. [...]*
Mmah hiya? Ba hiyak ku samah? Henewa in!	Ouviram? Vocês sabem agora como é? É assim!
Egu awna: "Nahwa nor kapten nah!"	Ela disse: "Eu mesma sou Capitã!"
"Nah ahavrikutyene nah misakwa."	"Eu sou a moradora da floresta onde fico."
Amekenemni nor mmahpa giw ner? *[Alifonsmin]*. Ig pak inere.	Nosso ancestral... qual o nome dele? Aquele *[Alifonsmin]*. Ele cantava isso.
Ignes pakne inakni avat.	Eles cantavam essa canção.
Minikwak igkis pakni inakni avat.	Muito tempo atrás, eles cantavam essa canção.
Kurime gikuvimnakis tinwo. Amawka wixwiy ... kadni, ka biyuksin.	Agora as suas vozes são silenciadas. Devemos sentir a falta delas e não esquecê-las.

96 Canção em *kiyavunka*.

A lição do senhor Balaweh, dada com alguma tristeza, e o grande pesar que ele expressa diante da perda das danças, da presença das estrelas, e da linguagem respeitosa dos mais velhos, são um momento apropriado para encerrarmos esta seleção de trechos do ciclo de narrativas sobre as constelações. Kiyavunka, a linguagem respeitosa usada pelos mais velhos, e kiyaptunka, a linguagem cerimonial dos pajés, mal são faladas hoje no Rio Urucauá. Para os idosos como os senhores Balaweh e Ixãwet, o tempo em que elas eram faladas era uma época de lindas palavras, quando as interrelações entre pessoas, formas da paisagem, ondas, estrelas, animais e criaturas espirituais adquiriam realidade. Tal linguagem era um modo de falar que se aproximava ao que Bruno Latour descreve em seu ensaio dedicado ao dualismo entre conhecimento e crença: não uma linguagem de *informação*, mas de *transformação* – a linguagem das relações (Latour 2010). Essa abordagem oferece um caminho para se pensar as traduções antropológicas que caracterizam o campo da etnoastronomia.

Reunindo as estórias: o Rio do Mundo, as estrelas das chuvas e o Caminho do Sol:

As narrativas aqui apresentadas trabalham com quatro grandes referentes que compõem um conjunto de marcadores celestes interrelacionados e em constante movimento:

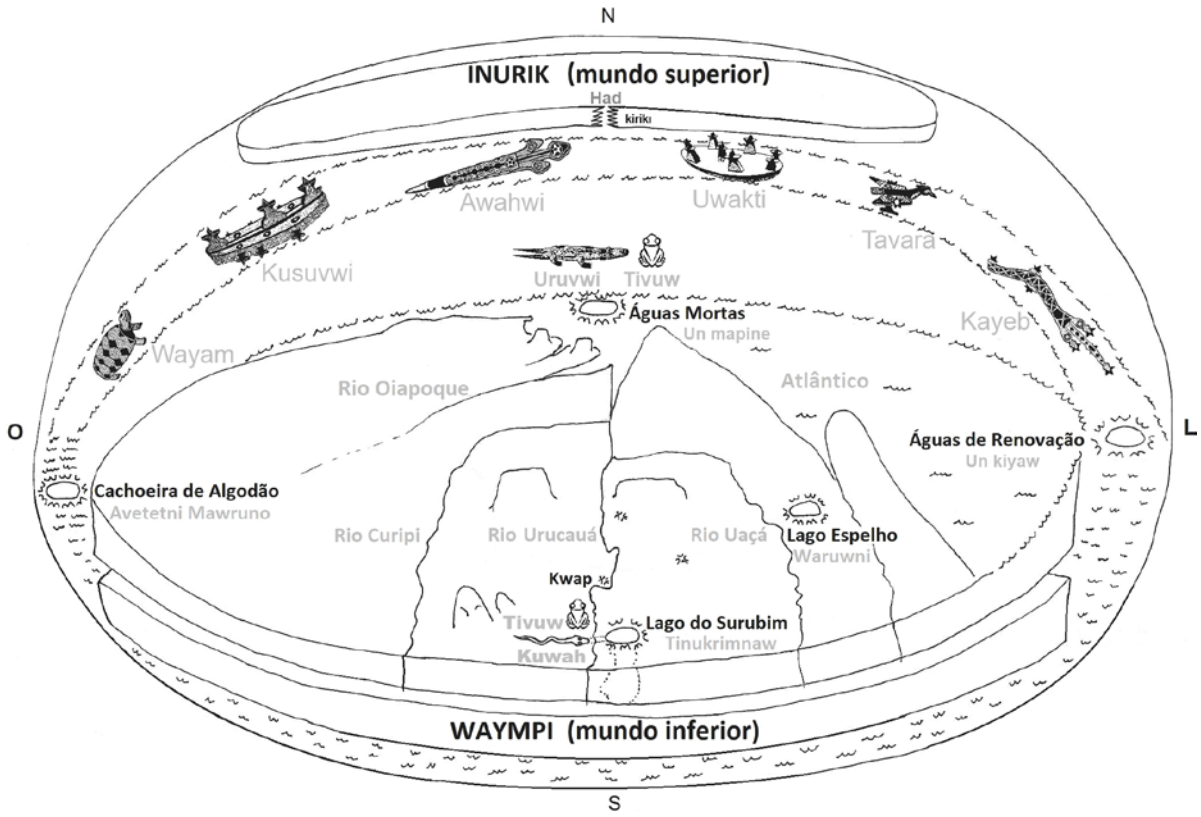
1. A circunferência do horizonte;
2. O arco do sol, que vai do Leste ao Zênite, a Oeste e ao Nadir, atravessando os mundos superior e inferior – e o entendimento preciso do ângulo de deslocamento desse arco;
3. O curso circular do Rio do Mundo em torno da Terra; e
4. A vinda das constelações das estrelas das chuvas em sequência.

Conhecendo estes quatro aspectos e sua interrelação, é possível prever as posições das estrelas e as estações chuvosas de modo bastante preciso. Isso também abre caminho para uma explicação sobre por que os solstícios de junho e de dezembro são tão importantes: é nessas datas que o plano elíptico cruza o plano galáctico, dando a impressão de uma travessia. Contudo, o fato de essas narrativas e seus princípios poderem ser traduzidos em equivalentes na linguagem astronômica não quer dizer que essa tradução ofereça uma descrição adequada da ideia de natureza em jogo neste material.

Na seguinte conversa, gravada à noite em julho de 2008, o senhor Uwet explica a David como o Rio do Mundo muda de posição ao longo do ano. Observe-se em particular o modo como ele usa a palavra *uges*, que significa virar, redemoinhar ou circular. A palavra *uges* também pode significar a mudança na forma corporal, como quando o corpo de um pajé se transforma em outra criatura, como um jaguar.

Uwet: Nor warik.	**Uwet**: Aquele rio.
Igkis Kiyavwiyegben kanum nor warik "hawkri awakun". Nor warik.	Eles, os velhos, chamavam aquele rio "o canal do mundo", aquele rio.
Nor warik waxwene nor Kayeb.	Aquele rio leva Kayeb.

Figura 35. Mapa da cosmologia do povo Arukwayene. Desenho: David Green



Uwet: Nor warik pitatye misakwa ayteke.	**Uwet**: Primeiro, o rio fica desse lado.
Kuwewa ugestaw. Ugestaw!	Depois, ele dá a volta. Ele faz a volta!
He ku aysaw eg kamaxe Kayeb.	Até que ele pega Kayeb.
Eg kamaxwene Kayeb nikweni.	Aí ele se prende a Kayeb.
Kayeb tivik payak gikak.	Kayeb vai junto com ele.
Kuri egnewa kamaxwene akiw. Tavara akiw.	Ele também segura mais ainda. Tavara, também.
Tavara avigku nor warik.	Tavara está no rio.
Awaku nor warik igkis kanum warik nor warik.	Porque aquele rio... dizem que é um rio.
Ineki keh Kayeb wade gavigku awaku ig datka!	É por isso que Kayeb está bem no meio do rio, porque ele é uma Cobra Grande!
Ig misakwa wade avigku nor warik.	Ele fica bem no meio daquele rio.
Ig Tavara hawata wade avigkuwata nor warik	Ele, Tavara, também está bem no meio do mesmo rio.
Adah ig kamaxne ke ikarbe, gimana ku pariye ig kadahan.	Assim ele pode pegar piaba, que é a comida dele.
Amekene kanum nor ... ka “hawkrima avatakni”. Igkis kanum nor “warik”. Warikwa eg!	Nossos ancestrais não chamavam isso de “encontro dos mundos”[97], eles chama- vam de “rio”, é um rio.
Heme nor warik ka aynema amadgama inin.	Mas esse rio não está aqui, neste mundo.
Nor warik ku Uhokri keh nor warik. Aynte inut.	Aquele rio, Uhokri fez aquele rio. Lá em cima.
Gidahan Kayeb. Gidahan Tavara. Gidahan Uwakti.	Ele pertence a Kayeb. Pertence a Tavara, pertence a Uwakti.

97 Como o senhor Emiliano chamou.

Gidahan Kusuvwi Egutye. Gidahan Kusuvwi Isamwitye.	Pertence a Kusuvwi, o mais velho, pertence a Kusuvwi, o mais novo.
Eg waxwene Kayeb han. Ku eg waxwene Kayeb han kuri nikwe.	Assim, eles carregam Kayeb. Quando ela carrega Kayeb, desse jeito, então...
Kuri eg waxwene Tavara. Tavara mekeke butte.	Então ele leva Tavara, Tavara segue de perto.
Kuri ku Tavara wade amadga inin kuwisa. Uwakti inute ayteke. Eg waxwe Uwakti.	Agora, quando Tavara está bem no meio disso, já, aparece Uwakti, ali daquele lado. Ele carrega Uwakti.
Ku aysaw Uwakti wade amadga inin igta Kusuvwi kahayak.	Quando Uwakti está bem no meio disso, então Kusuvwi fica visível.
Ku aysaw Kusuvwi kahayak ayteke kuwisa kuri made hiyeg hiyakgi.	Quando Kusuvwi está visível, desse lado, já, então todo mundo sabe.
Kuri Kusuvwi inutad kuwis.	Então, Kusuvwi já está bem no alto.
Hiyeg awna: “Kuwis Kusuvwi inutad. Warik kuwis waxwevye”.	As pessoas dizem: “Kusuvwi está bem no alto! O rio já trouxe ele”.
“Mmah hene?”	“Ah, é?”
“Ya. Ig ay avigku nor warik.”	“É. Ele está lá, no rio.”
Ineki keh igkis ka ikise nor warik.	É por isso que eles não deixam o rio.
Ineki keh Kayeb avigku nor warik.	É por isso que Kayeb está no rio.
Tavara akigbimne warik. Avigkuwata warik.	Tavara está na beira do rio, bem no rio.
Kusuvwi avigkuwata warik.	Kusuvwi está bem dentro do rio.
Avigkuw pahatrawa warik igkis mpiya!	No mesmo rio, eles passam.
Ku aysaw igkis ugeswakis igkis ugeswekis avigku pahatrawa warik.	Quando eles dão a volta, eles dão a volta nesse mesmo rio.
Kayeb ugeswe. Ig ugeswe han.	Kayeb dá a volta, ele dá a volta, assim.
Ig pituke. Ig wayksa muwok.	Ele se põe, ele faz a chuva cair.

Kuri Tavara butte gihavu.	Daí, Tavara fica atrás dele.
Ku aysaw ig ugeswa han. Nor warik ugeswa gikak han.	Quando ele deu a volta, assim, o rio dá a volta com ele, desse jeito.
Ig tivik akigbimna.	Ele vai junto na beira.
Ku aysaw ig pituke ig wayksa muwok.	Quando ele se põe, ele faz a chuva cair.
Ineki keh igkis kanum: "Nor warik Tavara giwakun. Kayeb giwakun. Kusuvwi giwakun."	**É por isso que eles dizem:** "Aquele rio é o canal de Tavara, o canal de Kayeb, o canal de Kusuvwi."
Kusuvwi mpiya avigkuwata ig mpiya.	Kusuvwi passa pelo mesmo rio, ele passa.
Kusuvwi Egutye mpiya awvrewata avigkuwata.	Kusuvwi, o mais velho, passa através do mesmo rio.
Kusuvwi Isamwitye mpiya awvrewata avigkuwata.	Kusuvwi, o mais novo, passa pelo mesmo rio.
He ku aysaw Wayam butitiye gihawkanavrik, Wayam mpiya awvrewata avigkuwata.	Até que Wayam, a última estação, Wayam passa pelo mesmo rio.
Egu pahatrenwa warik gidahankis.	É em um rio só que eles viajam.
Gidahankis pehetrene ahin gidahankis.	É um caminho que pertence a todos eles.
Ineki keh nor Kayeb giwak ... Takehpene misakwa wade gavigku nor warik.	É por isso que a mão de Kayeb... os Dois Varejadores ficam bem no meio do rio.
Kayeb misakwa aywata gavigku.	Kayeb permanece, bem ali, dentro.
Tavara misakwa aywata gavigku.	Tavara permanece, bem ali, no rio.
Awaku pahatrawa giwakunkis. Igkis mpiya.	Porque há um canal, eles passam.
Ku egu warik yumate, Tavara kote inut.	Se o rio não está lá, Tavara ainda não vai subir.
Kayeb kote inute.	Kayeb não vai subir.
"Ba yis kote kahayak? Warik aynte!"	"Vocês não apareceram ainda? O rio está ali!"

“Eg kote kahayakte.	“Ainda não dá para ver.
Ku aysaw eg ugestaw eg iwevun nikwe.”	Quando ele dá a volta, ele vai me levar.”
Kuri inute. Kayeb inute avigkumpi.	Aí nasce. Kayeb nasce, seguindo pelo meio dele.
Tavara inute avigkumpi. Uwakti inute avigkumpi.	Tavara nasce seguindo pelo meio dele. Uwakti nasce seguindo pelo meio dele.
Kusuvwi inute avigkumpi. Isamwitye inute avigkumpi.	Kusuvwi nasce seguindo pelo meio dele. O Irmão Mais Novo nasce seguindo pelo meio dele.
Awaku pahatrawa warik gidahankis!	Porque só tem um rio para eles!
Pahatrawo warik!	Um só rio!
Ke usuhbe warikmuh. Usuh kadahan pahatrawa warik adah usuh ta Uyapkunit avigkuw pahatrawa warik.	Como nós, quando estamos em nosso rio. Temos um rio para irmos ao Oiapoque, vamos por um só rio.
Embe henewa gidahankis ay kuri.	É assim para eles também.
Xak gidahankis pase danuh gihawkan-avrikisneku, igkis waykse muwok.	Para cada um deles, porque quando suas estações chegam, eles fazem a chuva cair.
Kayeb waykse muwok ku aysaw ig pitukwene.	Kayeb faz a chuva cair, quando está se pondo.
Gihawkan Tavara, ku aysaw Tavara danuh.	A estação de Tavara, quando Tavara chega.
Danuh gihawkanneku, aynte warikwitneku ig waykse muwok. Ka aynsima muwok ig wayksene.	Sua estação chega. Lá embaixo, ele faz a chuva cair. Muita chuva, ele faz cair.
Ig pituke. Ig pituke akak muwok.	Ele se põe – se põe com chuva.

Na natureza que é produzida e conhecida pelas ciências, o Rio do Mundo parece irregular porque a Via Láctea (ou Rio do Mundo) se situa a 60º da elíptica, que é o movimento da terra em torno do sol. Neste modelo, a conceitualização do movimento da Via Láctea não é fácil, dadas suas curvas aparentemente irregulares no curso de cada ano. Em contraste com isso, as cosmologias ameríndias

se valem de tipos de movimentos familiares como memorandos. A ideia de um "rio celeste" é amplamente conhecida na etnografia da região, e está bem descrita no diagrama do rio celeste desenhado por um pajé barasana, do Alto Rio Negro, em diálogo com Stephen Hugh-Jones (S. Hugh-Jones 1982:187). Essa imagem ilustra o "Caminho Estelar" ou "Caminho da Cobra Grande" com duas grandes viradas, assemelhando-se a como se vê a Via Láctea virando de um lado a outro do céu ao longo do ano. De fato, lembrar esses movimentos é bastante semelhante à memorização das curvas e movimentos de um rio ou de uma costa.

Assim como na astronomia barasana, as constelações mais importantes nas descrições palikur apresentadas aqui se situam ao longo desse rio no céu. Outras similaridades entre as explicações do senhor Uwet e os modelos barasana são evidentes no trabalho de Christine Hugh-Jones, em particular a ênfase no Rio da Terra e suas anacondas (C. Hugh-Jones 1979: 238). Embora a vida social ao longo do rio Urucauá tenha pouca semelhança as grandes malocas multifamiliares do Alto Rio Negro, sua comparação entre eixos móveis como corpos, anacondas e úteros com referentes fixos na vida cotidiana (respectivamente, casa, malocas e universo) é de grande valor, porque ela demonstra um modo de análise – as ferramentas para se pensar, por assim dizer – que não são os eixos e formas estáticas dos sólidos arquimedianos e platônicos, mas geometrias aplicáveis ao movimento. Caminhos, fluxos, trilhas, arcos, torções, volteios, quedas e formas de nadar e de correr oferecem as formas conceituais dinâmicas e tridimensionais que explicam esse céu noturno ameríndio. Tais formas de abstração dinâmica são muito diferentes das geometrias de tipo cartesiano, baseadas em planos, mais familiares às disciplinas euro-americanas.

Ao tornar as estórias palikur sobre as estrelas compreensíveis na sociedade da informação, o risco é que se enfoque simplesmente a informação que elas contêm – e, ao fazê-lo o risco é o de uma redução de um cosmos muito diferente ao tipo de natureza conhecido pela disciplina da astronomia. Retomando novamente a ideia de Eduardo Viveiros de Castro, a questão tem de ser: *e quanto aos intraduzíveis?*

Correndo o risco de dar um salto interpretativo grande demais, parece que o grande pesar do senhor Balaweh ao falar das questões do céu na velha linguagem do kiyavunka também diz respeito aos intraduzíveis. Ele não estava sozinho: não foram poucos os idosos que falaram com pesar, alguns às lágrimas, da perda das questões astronômicas no dia-a-dia. Um deles foi Ixãwet, que, com sua esposa Pupta, havia chorado ao cantar algumas das canções para nós, em 2003. Numa gravação feita ao pé da montanha Karumna no Arukwa, em 2001, Ixãwet havia entrado no que só poderia ser descrito como uma alegria exultante à medida que explicava a estrutura do cosmos, compreendendo os níveis do céu,

da terra e do Mundo do Fundo. Notamos que, assim como o senhor Balaweh, ele ligava o ato de falar de questões cosmológicas às antigas linguagens, kiyaptunka e kiyavunka, e lamentou o modo como o falar cotidiano contemporâneo perdeu sua atenção às relacionalidades e respeito entre pessoas, criaturas espirituais, animais e formas da paisagem.



Figura 36. Senhor Ixãwet Labontê em frente da monte Carupina. Fotos: David Green

Ixãwet: Minikwak. Pitatye gidahankis. Nah ka hiyak ku samah. Sema butyevwiye hiyeg kuri humaw maywak.	**Ixãwet**: Muito tempo atrás. Os primeiros tinham a deles.[98] Não sei qual era. Mas para as pessoas mais recentes, veio ser chamada Maywak.
Kadahan Maywak. Kadahan Waympi. Aynte anaptak. Waympiyene hiyeg aynte warikwi.	Existe Maywak, a terra. Existe Waympi (o Mundo do Fundo), bem lá embaixo. A gente Waympiyene embaixo do chão.
Udahanwiy amadga inin. Maywak inin.	Nosso lugar é nesta terra. Esta Maywak.
Kuri ariwntak inin Maywak ... Inurik.	Então, acima de Maywak está... Inurik.[99]
Ariwntak Inurik ... nor ... Inukri.	Acima de Inurik está... Inukri.[100]
Kuri ariwntak Inukri ... Mayrap.	Aí, acima de Inukri, está... Mayrap.

98 Seu termo para este mundo.

99 *Inurik*: a primeira camada do céu. Na narrativa do gavião Kakuw, o Inurik é descrito como a "terra dos seres mortos". Hoje em dia, Inurik é associado ao céu ou paraíso descrito na Bíblia.

100 *Inukri*: a segunda camada do céu.

Amaksemni.	Esse é o fim do céu.
Awaku kiyavwiye keh inin madikte udahan. Hiyeg.	Porque Kiyavwiye *[Uhokri]* fez tudo isso para nós, as pessoas.
Gikamkayuvwi. Ka aynsima hiyeg.	Seus filhos. Há muitas pessoas.
Mpuse inere iwetrit.	Muitos lugares diferentes.[101]
Ku ka henema wis msakwa amadga pahayku	Se não fosse assim, todos nós ficaríamos em um nível só.
Amadga pahaykunen, nikwe ka pisenwa gidahankis!	Só em um nível, então não caberia para todos eles.
Ba ayesri hiyeg.	Uma quantidade enorme de pessoas.
Ineki ig keh mpanabu en aynte inut	É por isso que ele fez três céus, bem lá no alto.
Paxkabu avuh ini. Avuhpiye ta warikwit. Waympi.	E quatro níveis contando o de baixo. Embaixo disso, embaixo da terra, Waympi *[o Mundo do Fundo]*.
Minikwak Ig aynewa Ig.	Muito tempo atrás, Ele estava aqui.[102]
Ineki keh ku amekenegben awna kiyaptunka.	É por isso que nossos ancestrais falavam *kiyaptunka*.
Igkis awna kiyavunka.	Eles falavam *kiyavunka*.
Igkis awna arakembet	Eles falavam de variadas formas.
Igkis kinetihwa akak wavitye.	Falavam com espíritos.
Igkis kinetihwa akak puwikne.	Falavam com animais.
Igkis kinetihwa akak made.	Falavam com tudo.
Igkis kinetihwa akak motye.	Falavam com as vespas.
Ba pis hiyak ku pariye motye?	Você sabe o que são as vespas?

101 Planos de existência.

102 Em Maywak.

Motye ay. Kadahan parinus.	Estas vespas aqui, tem as *parinus*.
Kadahan nor asuyagi.	Tem as *asuyagi*.
Kadahan kasuwavutne.	Tem as *kasuwavutne*.
Igkis kinetihwa gikak.	Eles falavam com elas.
Awaku kiyavwiye iki ta gitkis inetit.	Porque Ele deu as palavras às pessoas.
Ee! Wavitye! Kaybune! Igkis kinetihwa gikakis.	Oh! Espíritos! Cobras! Os ancestrais falavam com eles.
Datka! Iyakri! Igkis kinetihwa gikakis.	Cobras Grandes! A cobra *Iyakri*! Eles falavam com elas.
Igkis tima giwn.	Eles entendiam sua linguagem.
Kawokwine! Igkis kinetihwa gikakis.	Onças! Eles falavam com elas.
Yuma arikna hiyak asamanakis	Nenhuma criatura sabia mais que eles.
Awaku igkis kiyavwiyegben awna kiyaptunka.	Porque nossos ancestrais falavam *kiyaptunka*.
In kiyaptunka inyerwa Uhokri giwn.	Esta *kiyaptunka* é, na verdade, a língua de *Uhokri*.
Inerebaki, kiyavwiye. Inakni nah awna. Kinetihwene pit.	É assim que é, senhor. É o que digo. O que estou lhe dizendo.
Nah batek akak inin kiyavunka iwit.	Amo as palavras *kiyavunka*.
Iveg usuh. Ba Kiyavwiye Eduar	Olhe para nós. Para o senhor Eduar.
Mmahki, kiyavwiye? Usuh kinetihwene kiyaptunka aynesa.	O que é, senhor? Falamos apenas um pouco de *kiyaptunka*.
Kiyavwiye Leon hawata awna aynesa.	O senhor Leon também falava um pouco.
Yuma akiw. Pitana. Mpana. Yuma akiw.	Ninguém mais. Dois, talvez três. Não mais.
Inme minikwak avanenekwa akak kiyavunka igkis kinetihwenene.	Mas, muito tempo atrás, eles sempre falavam com *kiyavunka*.
Ka aynsima kiyathaki. Ka aynsima kiyathaki bakimnayh.	Havia muito respeito. As crianças falavam com muito respeito

Adah bakimnayh tinogben. Himanovyo. Kiyavunogben.	As meninas, moças, mulheres.
Takwavye. Bakimnayh nopsanyovwinen.	Meninos, crianças pequenas.
Ka aynsima kiyavunka iwit igkis awna.	Eles falavam muitas palavras *kiyavunka*.
Inme usuh butitye kuri ka humaw hene.	Mas nós, que viemos depois, nós não fomos criados assim *[com essas palavras]*.
Inme kiyavunka barewye in.	*Kiyavunka* é uma língua bonita.
Kibeyne ahiyakemni.	É uma boa e sábia maneira de falar.
Igkis kanum ariknebdi madikte kiwyekwiye.	Eles deram um nome específico á todas as coisas.
In kiyaptunka. In barewye, kiyavwiye.	Este é o *kiyaptunka*. É linda, senhor.
"Wis tah ba avitit nor ... Dano.	"*Estamos indo para o topo de Dano.*[103]
Ke ba wis danuha."	*Estamos quase chegando lá."*
"Aysaw hawkri wis wagah?"	*"Quantos dias até subirmos lá?"*
"Nuvewkan ba takuwanek wis boh usuh aterenek. Iwasavgi."	*"Acho que talvez amanhã nós iremos lá. E o veremos".*
Kiyavwiyegben giwn.	Esta é a língua de nossos ancestrais.
Usuhme kuri: "Karumna"!	Agora dizemos: "Karumna"!
"Uyay atak atere Karumnat!"	"Vamos para Karumna!"
Wo! Bakimni iwit.	Ah, essas são linguagens das crianças.
Bakimni guwn gudahan.	São falas das crianças .
Kiyavwiye, ka aynsima kiyav-wiyegben giwn.	Senhor, há tanta fala dos ancestrais.
Nah ka makisu awna kiyavwiyegben giwn.	Não vou terminar de falar essa língua.

103 *Dano* é o termo *kiyavunka* para o monte Karumna, que significa rocha, dureza, e força feminina.

Nessa conversa, apresenta a versão antiga sobre os três céus (*Mayrap, Inurik e Inukri*), este mundo (*Maywak*) e o Mundo do Fundo (*Waympi*). A linguagem de respeito dos mais velhos (*kiyaptunka* e *kiyavunka*), ele nos conta, era uma linguagem das relações respeitosas. Ninguém sabia mais que os anciões, em sua capacidade de falar com animais que iam das vespas às onças, e formas da paisagem como Karumna estavam entre as criaturas cujas relações constituíam o mundo. Sua descrição daquele tempo como um tempo em que o Criador havia caminhado pelo mundo encontra convergência com sua descrição de uma teologia na qual Jesus, assim como um pajé, havia subido ao plano das estrelas. Este permanece um texto que força os limites da tradutibilidade e recusa uma divisão simplista entre tradição e modernidade; conhecimento ou crença. Nesse relato, assim como no do senhor Balaweh, conhecer o cosmos é ser transformado tanto quanto é ser informado. E é nesse sentido que seria uma traição à língua traduzida reduzir essas descrições das estrelas em pontos de informação.

O material aqui apresentado demonstra a presença de um conhecimento astronômico complexo nas práticas e narrativas cotidianas ao longo do rio Urucauá. Os textos encontram uma extensa ressonância nas terras baixas e altas da América do sul, e contribuem para a imagem de uma história relativamente recente de redes vastas e extensivas, em vez de assentamentos indígenas isolados. O fato de as estórias astronômicas locais serem referências frequentes na fala cotidiana, embora as versões mais longas fossem tão difíceis de registrar, aponta para as navegações complexas que as pessoas fazem no que diz respeito às ontologias e racionalidades que governam a cidadania das redes mais amplas nas quais elas participam, incluindo o estado federal brasileiro, a Guiana Francesa, e as redes eclesiásticas tão dominantes no Arukwa na virada do milênio, quando começou esta pesquisa.

O desconforto diante da astronomia que encontramos entre 2000 e 2003 diminuiu ao longo dos anos. As razões para isso são, sem dúvida, múltiplas: as conversas ficaram mais fáceis conforme nossa compreensão das estórias cosmológicas se desenvolveu; a abertura do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque, e a exposição nacional sobre a cosmologia na região serviram para expandir o espaço para os modos ameríndios de ver o mundo; e o milenarismo que acompanhou a virada do século no Arukwa, documentado por Artionka Capiberibe (2007) diminuiu um pouco, dando um pouco mais de espaço para as estrelas. Nas estórias astronômicas aqui acumuladas, há um elemento narrativo frequente no qual uma pessoa que faz uma viagem ao longo do ciclo anual das estrelas retorna dotado da capacidade de curar, porque ele ou ela estabeleceu uma relação com os espíritos-mestres de certas chuvas, e compreende as relacionalidades entre as estrelas, as chuvas, os ventos, as plantas e os peixes.

Saber se mover respeitosamente em relação a eles e negociar uma passagem de volta, o pajé estabelece uma relação com as estrelas que dispõem, elas mesmas, de poderes de cura, e ao longo da viagem adquire a capacidade de curar. As qualidades adquiridas pelo pajé nessas viagens não são as de controlar as chuvas, mas de participar numa teia de relacionalidades por meio de viagens compartilhadas com os espíritos-mestres das estrelas. As chuvas, nessas estórias, são uma dádiva, de um viajante a outro, fundadas numa viagem compartilhada por entre as estações.

As estórias astronômicas coletadas ao longo do Rio Urucauá, longe de constituírem monumentos de um passado idealizado, nem de um equivalente etnológico da disciplina da astronomia, são fontes ricas para o entendimento de uma filosofia ameríndia da vida e do movimento, e para uma crítica do cálculo do controle que predomina nos discursos de quase – *quase* – todo tipo de modernidade, de ciência, de desenvolvimento e de cidadania. ✦



Figura 37. Senhor Uwet com uma bastão da cerimônia fúnebre que ele esculpiu. Foto: David Green

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arnold, H.J.P., Paul Doherty and Patrick Moore
1999 *The Photographic Atlas of the Stars.* Bristol: Institute of Physics Publishing.

Aveni, Anthony and Gary Urton (editors)
1982 *Ethnoastronomy and Archaeoastronomy in the American Tropics*. Annals of the New York Academy of Sciences, vol. 385.

Blaser, Mario
2009 "Political Ontology: Cultural Studies without 'cultures'?" *Cultural Studies* 23(5-6):873-896.
2010 *Storytelling and globalization from the Chaco and Beyond*. Durham: Duke University Press.

Browman, David and Ronald Schwarz (editors)
1979 *Spirits, Shamans, and Stars: Perspectives from South America.* The Hague: Mouton Publishers.

Chamberlain, Von Del, John B. Carlson and M. Jane Young (editors)
2005 *Songs from the Sky: Indigenous Astronomical and Cosmological Traditions of the World*. Bognor Regis: Ocarina Books.

De Civrieux, Marc
1980 [1970] *Watunna: An Orinoco Creation Cycle.* Edited and translated by David M Guss. San Francisco: North Point Press.

De la Cadena, Marisol
2010 "Indigenous Cosmopolitics in the Andes: Conceptual reflections beyond 'politics.'" *Cultural Anthropology* 25(2): 334–370.

Descola, Philippe
1996 *In the Society of Nature: A Native Ecology in Amazonia*. Trans. Nora Scott. New York: Cambridge University Press.

Dumont, Jean-Paul
1972 *Under the Rainbow: Nature and Supernature among the Panare Indians.* Austin: University of Texas Press.

Escobar, Arturo
2008 *Territories of Difference: Place, Movements, Life, Redes*. Durham: Duke University Press.

Fabian, Stephen Michael
1992 *Space-time of the Bororo of Brazil*. Gainesville: University Press of Florida.

Fausto, Carlos and Michael Heckenberger
2007 "Introduction." In *Time and Memory in Indigenous Amazonia*. Carlos Fausto and Michael Heckenberger, editors. University Press of Florida.

Green, Lesley
2005 "'Ba pi ai?' – Rethinking the Relationship between Secularism and Professionalism in Anthropological Fieldwork." *Anthropology Southern Africa* 28(3-4):91-98.
2008 "Challenging Epistemologies: Exploring Knowledge Practices in Palikur astronomy." *Futures* 40(9):41-52.
2009 "Knowledge Contests, South Africa, 2009." *Anthropology Southern Africa* 32(1-2):2-7.

Green, Lesley and David Green
2006 "Kayeb: A Constelação Anaconda Bicéfala dos Palikur-Arukwayene." Um ensaio para a exposição *A presença do invisível: Vida cotidianae ritual entre os povos indígenas do Oiapoque.* Lux Vidal, curator. Trans. Aurélio Simango.

Green, Harold and Diana Green (editors)
1992 [1976] *Kayg Adahan Muwokwekri akak Kamukri.* Belém: Sociedade Internacional de Linguistica (SIL).

Grenand, Pierre e Moretti, Christian e Jacquemin, Henri
1987 Pharmacopées traditionnelles en Guyane, Créoles, Palikur, Wayãpi. Paris, Éditions de l'ORSTOM.

Hugh-Jones, Christine
1979 *From the Milk River: Spatial and temporal processes in Northwest Amazonia.* Cambridge: Cambridge University Press.

Hugh-Jones, Stephen
1979 *The Palm and the Pleiades: Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
1982 "The Pleiades and Scorpius in Barasana Cosmology." In *Ethnoastronomy and Archaeoastronomy in the American Tropics*. Anthony Aveni and Gary Urton, editors, pp. 183-202. Annals of the New York Academy of Sciences, vol. 385.

Iôiô, Marcelo and Mateus Emilio Batista
1996 *Warukma akak Muwokwekri / The stars and the Rain Times.* Harold and Diana Green, editors. Belém: SIL.

Jara, Fabiola
2005 [1996] "Arawak Constellations: A Bibliographic Survey." In *Songs from the Sky: Indigenous Astronomical and Cosmological Traditions of the World*. Von Del Chamberlain, John B. Carlson and M. Jane Young, editors, pp. 264-280. Bognor Regis: Ocarina Books.

Latour, Bruno
2004 "Whose Cosmos, Which Cosmopolitics? Comments on the Peace Terms of Ulrich Beck." *Common Knowledge* 10(3):450-462.
2007 "The recall of modernity." *Cultural Studies Review* 13(1):11-30.
2010 "Thou Shalt Not Freeze-Frame, or How Not to Misunderstand the Science and Religion Debate." In *On the Modern Cult of the Factish Gods.* pp. 99-123. Durham NC: Duke University Press.

Levi-Strauss, Claude
1969 *The Raw and the Cooked: Introduction to a Science of Mythology.* Vol 1. New York: Harper and Row.
1973 *From Honey to Ashes: Introduction to a Science of Mythology*. Vol 2. New York: Harper and Row.
1978 *The Origin of Table Manners: Introduction to a Science of Mythology.* Vol 3. New York: Harper and Row.
1981 *The Naked Man: Introduction to a Science of Mythology*. Vol 4. New York: Harper and Row.

Levinson, Stephen C.
2003 *Space in Language and Cognition: Explorations in Cognitive Diversity.* Cambridge: Cambridge University Press.

Levinson, Stephen C. and David Wilkins
2006 *Grammars of Space: Explorations in Cognitive Diversity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Magaña, Edmundo
1986 "South American Ethno-Astronomy." In *Myth and the Imaginary in the New World.* pp. 399-426. Netherlands: CEDLA.
2005 [1996] "Tropical Tribal Astronomy: Ethnohistorical and Ethnographic Notes." pp. 244-263 in *Songs from the Sky: Indigenous astronomical and cosmological traditions of the world*. Ed. Von Del Chamberlain, John B Carlson and M Jane Young. Bognor Regis: Ocarina Books.

McEwan, Colin
2001 "Seats of Power: Axiality and Access to Invisible Worlds." In *Unknown Amazon: Culture and Nature in Ancient Brazil*. Colin McEwan, Cristiana Barreto and Eduardo Góes Neves, editors, pp176-197. London: The British Museum Press.

Mignolo, Walter
1995 *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality and Colonization.* Ann Arbor: Michigan University Press.

Nimuendajú, Curt
1926 *Die Palikur Indianer und ihre Nachbarn*. Göteborg: Elanders Boktryckeri Aktiebolag.

Reichel-Dolmatoff, Gerardo
1971 *Amazonian Cosmos: The sexual and Religious Symbolism of the Tukano Indians*. Chicago: University of Chicago Press.
1997 "Astronomical Models of Social Behaviour among some Indians of Colombia." In *Rainforest Shamans: Essays on the Tukano Indians of the Northwest Amazon*. pp.261-276. Devon: Themis Books. Roe, Peter
2005 [1996] "Mythic Substitution and the Stars: Aspects of Shipibo and Quechua Ethnoastronomy Compared." In *Songs from the Sky: Indigenous Astronomical and Cosmological Traditions of the World.* Von Del

Chamberlain, John B. Carlson and M. Jane Young, editors, pp. 193-227. Bognor Regis: Ocarina Books.

Santos-Granero, Fernando
1992 "The dry and the Wet: Astronomy, Agriculture and Ceremonial life in Western Amazonia." *Journal de la Societé des Americanistes* 78:107-132.
2009 (ed.) The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood. Tucson: The University of Arizona Press.

Stengers, Isabelle
2005 "The cosmopolitical Proposal." In *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*. Bruno Latour and Weibel, editors. Cambridge MA: MIT Press.

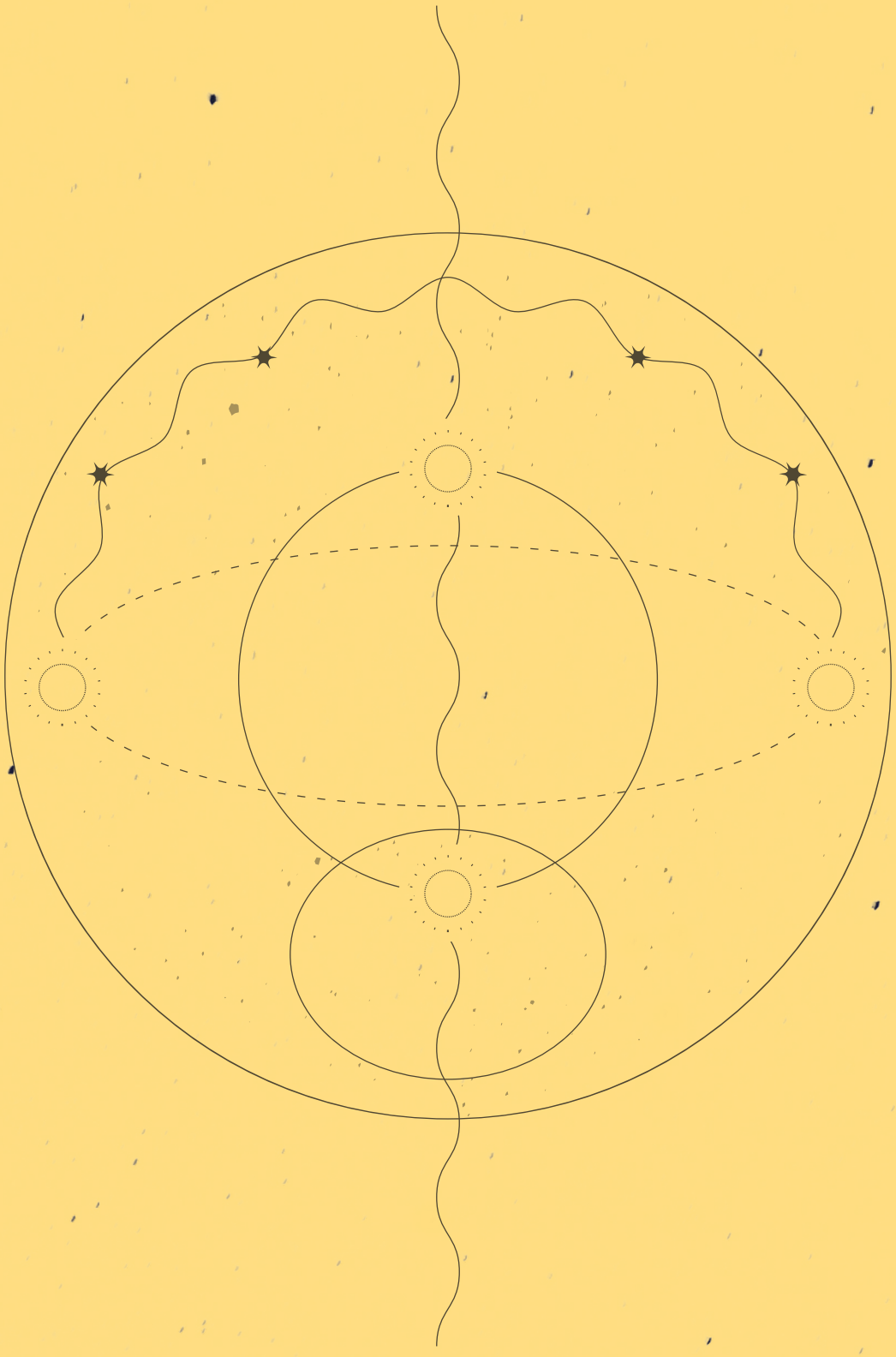
Sullivan, Lawrence E.
1988 Icanchu's Drum: An Orientation to Meaning in South American Religions. New York: Macmillan Publishing Company.

Urton, Gary
1981 *At the Crossroads of the Earth and Sky: An Andean Cosmology*. Austin: University of Texas Press.

Vidal, Lux
2007 *Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: O encontro das Águas, o Encruzo dos Saberes e a Arte de Viver*. São Paulo: Iepé.
2008 "A presença do invisível na vida cotidiana e ritual dos povos indígenas do Oiapoque: o contexto de uma exposição." *Ciência e Cultura* 60(4)45-47.

Viveiros de Castro, Eduardo
1998 "Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism." *Journal of the Royal Anthropological Institute* 4(3):469-488.
2003 "(Anthropology) AND (Science)." Speech at *Anthropology and Science*, the 5th Decennial Conference of the Association of Social Anthropologists of Great Britain and Commonwealth, 14 July 2003. Published in *Manchester Papers in Social Anthropology* 7.
2004a "Introdução ao Método do Perspectivismo / Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation." *http://amazone.wikia.com.*
2004b "Exchanging Perspectives: The Transformation of Objects into Subjects in Amerindian Perspectives." *Common Knowledge* 10(3):463-484.

Este livro foi composto com as famílias das fontes Amatic SC e Andika, disponibilizadas por Google Fonts Impresso em papel Couchê 115g/m^2 em 4/4 cores com CTP, impressão e acabamento realizados por Teixeira Gráfica Digital.



O livro é uma tradução do artigo “The Rain Stars, the World’s River, the Horizon and the Sun’s Path: Astronomy along the Rio Urukauá, Amapá, Brazil”, de Lesley Green e David Green. A obra integra ações de valorização do patrimônio cultural dos povos indígenas do Oiapoque e serve também como material didático para estudantes indígenas. Traduzido por Luísa Valentini e ilustrado com fotografias das esculturas de mestre Uwet, o livro apresenta o saber astronômico dos Palikur, resultado de pesquisas realizadas entre 2000 e 2008 em aldeias ao longo do rio Urucauá.

A publicação traz um panorama dos princípios astronômicos Palikur-Arukwayene e reúne narrativas organizadas conforme um ciclo astronômico anual. As constelações das chuvas estruturam o conhecimento ecossistêmico do grupo, relacionado às atividades de agricultura, caça, pesca, construção e ao antigo calendário festivo. As histórias revelam a centralidade da astronomia na vida Palikur, evidenciando que “conhecer as constelações” envolve compreender seus movimentos ao longo do ano.

Os autores também discutem como esse conhecimento dialoga, tensiona e amplia perspectivas da antropologia astronômica: embora apresente semelhanças com registros de outras partes das Américas, não pode ser reduzido a uma única “astronomia cultural palikur”. Ao mesmo tempo, não é totalmente distinto nem equivalente à astronomia ocidental, o que coloca o desafio de explorar novas possibilidades de tradução e interpretação desses sistemas de conhecimento.

Edições IPHAN